

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

JOKÁCIA KELLY MACENA DA SILVA

**REFORMA AGRÁRIA: A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO APASGU-PB
ASSENTAMENTO SÍTIO GUERRILHAS**

JOÃO PESSOA
2019

JOKÁCIA KELLY MACENA DA SILVA

**REFORMA AGRÁRIA: A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO APASGU-PB
ASSENTAMENTO SÍTIO GUERRILHAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel (a) em Ciências Sociais.

Orientador (a): Patrícia Alves Ramiro.

JOÃO PESSOA
2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586r Silva, Jokacia Kelly Macena da.

REFORMA AGRÁRIA: A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO APASGU-PB
ASSENTAMENTO SÍTIO GUERRILHAS / Jokacia Kelly Macena da
Silva. - João Pessoa, 2019.

65 f. : il.

Orientação: Patrícia Alves Ramiro.
TCC (Especialização) - UFPB/CCHLA.

1. Reforma Agrária. I. Ramiro, Patrícia Alves. II.
Título.

UFPB/CCHLA

JOKÁCIA KELLY MACENA DA SILVA

**REFORMA AGRÁRIA: A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO APASGU-PB
ASSENTAMENTO SÍTIO GUERRILHAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel (a) em Ciências Sociais

Orientador (a): Patrícia Alves Ramiro

Data da defesa: 08/05/2019

Banca examinadora

Profa. Dra. Patrícia Alves Ramiro (Orientadora)

Profa. Dra. Aina Azevedo

Profa. Dra. Patrícia Pinheiro

JOÃO PESSOA

2019

DEDICATÓRIA/AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar ao Criador de tudo o que é e há que iluminou o meu caminho durante esta caminhada, possibilitando me encontrar as pessoas certas para a concretização deste trabalho, sem as quais o mesmo não teria sido possível.

A professora Patrícia Alves Ramiro pela paciência, orientação e incentivo que tornou possível a conclusão desta monografia. Agradeço pela oportunidade de ter trabalhado ao lado dessa professora que tanto admiro e que muitas vezes me estendeu as mãos quando eu me sentia “perdida” academicamente.

Aos meus amigos, que me apoiaram e me deram força para continuar a caminhada rumo ao diploma, pelas alegrias, tristezas e dores compartilhadas.

À minha família, por acreditarem em mim e investir em mim. Mãe, seu carinho e apoio em alguns momentos da caminhada durante o tempo que estive cursando o curso de Ciências Sociais e o apoio para a realização dos meus objetivos de vida. Pai, sua presença neste trabalho me proporcionou que o mesmo fosse concretizado, não esquecerei suas idas comigo ao assentamento, sem as mesmas, não teria obtido sucesso na pesquisa.

E em especial a Ana que me acolheu em sua casa nos dias que foram necessários me instalar no assentamento e ao meu adorável e paciente Tobias, que tornou esta jornada enquanto escrevia a monografia, mais leve e doce, cheia de cuidados, força e amor.

RESUMO

O referente trabalho tem como objetivo geral conhecer a história do Assentamento Sítio guerrilhas, e como objetivos específicos compreender como se deu o processo de conquista da terra e traçar um perfil dos moradores locais, conhecendo sua estrutura familiar, atividades produtivas, habitação e expectativas em relação à vida no assentamento. Tendo como campo de análise o Assentamento Sítio Guerrilhas localizado a 12 km do município de Uiraúna, localizado no Alto-Sertão da Paraíba e há 1 km do município do Paraná, localizado no Alto-Sertão do Estado do Rio Grande do Norte. Este trabalho classifica-se como sendo uma pesquisa etnográfica, em que busco interpretar as diversas situações encontradas em campo, utilizando de métodos qualitativos e quantitativos para a coleta dos dados, e para a construção da história através das memórias dos moradores do assentamento. Foram aplicadas entrevistas orais e questionários semiestruturados, sendo o uso de um caderno de campo bastante relevante para a construção dessa monografia. A principal conclusão à qual chegamos foi que a conquista da terra não acaba com a implementação de um assentamento, pois, é preciso se pensar meios de tornar a vida nos assentamentos rurais dignas para as famílias que ali residem. Não se podem oferecer somente os meios de produção, é preciso que se forneçam todos os meios necessários para uma melhor condição de vida dos moradores locais.

Palavras-Chave: Assentamento. Reforma Agrária. Reforma Agrária de Mercado.

ABSTRACT

The main goal of this work is to know the history of the Settlement Sítio guerrilhas, and the specific objectives are to know how the processes of land conquest took place, to draw the profile of the local residents, getting to know also their family and housing structure, production and expectations as settlers. Having as field of analysis the Settlement Sítio Guerrilhas located 12 km away from the municipality of Uiraúna, located in Alto-Sertão da Paraíba and 1 km away from the municipality of Paraná, located in Alto-Sertão of the State of Rio Grande do Norte. The work in question is classified as an ethnographic research, in which I dig, with the reference method of research, to interpret the various situations found in the field, using qualitative and quantitative methods for data collection, and for the construction of history through the memories of the settlers. Oral interviews and semi-structured forms were used, being the use of a field notebook very relevant for the construction of this work of conclusion. The main resolution we came to was: The "struggle" for land does not end with the implementation of a settlement, so we must think of ways to make life in rural settlements worthy for the families who live there. You can not only offer the means of production, it is necessary to provide all the necessary means to improve the living conditions of the local people.

Keywords: Settlement. Agrarian Reform. Agrarian Reform of the Market.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1	Estrada de Barro	37
Imagem 2	Estrada acesso (Uiraúna-PB à Paraná-RN) (imagem tirada da internet)	38
Imagem 3	Primeira casa quando ainda era chamada Fazenda Guerrilhas (imagem tirada da internet)	41
Imagem 4	Primeira reforma feita na casa (imagem tirada da internet)	41
Imagem 5	Modelo da casa nos dias atuais	42
Imagem 6	Ana Maria e Eu	43
Imagem 7	Antiga casa onde hoje fica a sede 2 da empresa Lara	50
Imagem 8	Nova casa construída pela empresa Lara para o assentamento	50
Imagem 9	Sede da empresa Lara recém-inaugurada no assentamento	51
Imagem 10	Primeiro documento entregue a ASPAGU-PB	52
Imagem 11	Criação de animais	54
Imagem 12	Moinho de rações para o gado	55
Imagem 13	Vista frontal de algumas casas do assentamento	56
Imagem 14	Casas do assentamento	56

LISTAS DE SIGLAS

APASGU-PB	Associação dos Pequenos Agricultores do Sítio Guerrilhas
BIRD	Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento
EMATER-PB	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INTERPA	Instituto de Terras e Planejamento Agrícola
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MST	Movimento dos sem Terra
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
CAPITULO 1. RELATOS DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA...10	
CAPITULO 2. REFORMA AGRÁRIA.....	31
2.1 Breve histórico da Reforma Agrária no Brasil.....	31
2.2 Reforma agrária de mercado	34
CAPITULO 3. A HISTÓRIA DO ASSENTAMENTO SÍTIO GUERRILHAS.....	36
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS.....	59
APÊNDICE.....	60
Apêndice A.....	60
Apêndice B.....	62
ANEXO.....	64

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca conhecer através de depoimentos dos moradores do Assentamento Sítio Guerrilhas como se deu o processo de conquista da terra, e como foi constituído e implementado o projeto da Associação dos Pequenos Agricultores do Sítio Guerrilhas (APASGU-PB), projeto este que beneficiou dez famílias. Buscaremos também discutir as temáticas sobre a questão da reforma agrária e reforma agrária de mercado, o que torna o Assentamento Sítio Guerrilha um campo propenso à investigação sobre o mesmo.

A pesquisa teve como campo de análise o Assentamento Sítio Guerrilhas, localizado no município de Uiraúna- Paraíba e nas proximidades do município do Paraná- Rio Grande do Norte. Pareceu-me bastante interessante continuar com as pesquisas em área de assentamentos rurais, devido uma experiência no Assentamento Tambaba enquanto fazia parte do projeto Formas de Cultivar a Terra: A pluriatividade em assentamentos rurais nordestinos (PIVIC), no qual estive por um ano (2016-2017), no Assentamento Tambaba, município do Conde-PB, dado que no assentamento Sítio Guerrilhas não havia sido desapropriada a terra. Buscaremos analisar em um contexto histórico a implementação do projeto APASGU-PB, através de depoimentos dos moradores locais, bem como de figuras que foram importantes na participação e construção do mesmo, como também, analisar através da questão apontada como tema, o conceito de reforma agrária de mercado e sua inovação na forma como os trabalhadores da terra vem conquistando o seu “pedaço de terra”, conceito que vem servindo de modelo para a aquisição de novas terras nas regiões circunvizinhas.

O referente trabalho classifica-se como sendo uma pesquisa etnográfica, em que busco interpretar as diversas situações encontradas em campo, utilizando de métodos qualitativos e quantitativos para a coleta dos dados, e para a construção da história através das memórias dos moradores do assentamento. Foram aplicadas entrevistas orais e questionários semiestruturados, o uso de um caderno de campo também foi bastante relevante na construção dessa monografia, como também discutir algumas metodologias de pesquisa nas Ciências Sociais, reforçando e contribuindo para novas formas de conhecimento sobre esta temática.

No primeiro capítulo iremos discutir os caminhos que foram necessários seguir em campo, que passos foram necessários para que se tornasse possível a

elaboração desta monografia, discutindo assim as contribuições que as teorias metodológicas nas Ciências Sociais vêm sendo desenvolvidas quando precisamos ir a campo, bem como discutir as suas “limitações” e inovações que muitas vezes são necessárias em campo, buscando ultrapassar as “fronteiras” que as metodologias científicas nos apresentam em campo.

No segundo capítulo iremos fazer um breve “caminho” na história da Reforma Agrária no Brasil e conceituar o que seria Reforma Agrária de Mercado e no terceiro capítulo iremos conhecer a história da implementação do Assentamento Sítio Guerrilhas e o que envolve o “universo” do assentamento, assim como o perfil dos moradores e suas experiências na busca pela conquista da terra.

CAPITULO 1. RELATOS DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Início este capítulo com uma citação da Maria Isaura Pereira de Queiroz, sobre o que nos leva a escolher determinado universo de pesquisa, ou mesmo o que nos move a decidirmos por buscar investigar tais temáticas. Tal citação me faz refletir sobre os caminhos que percorri até a construção desta pesquisa, de como cada passo, situação e até mesmo o encontro com algumas pessoas durante o meu estudo no campo das Ciências Sociais como um todo, me influenciou na escolha pela a temática da reforma agrária e mais especificamente, da reforma agrária de mercado. Diante de tal reflexão sobre a construção desse trabalho, esta citação, sem mais me prolongar ou sem exageros, trouxe novas formas de pensar esta pesquisa e a minha tão ainda “ingênua” trajetória como pesquisadora.

A concentração do interesse do pesquisador em determinados problemas, a perspectiva em que se coloca para formulá-los, a escolha dos instrumentos de coleta e análise do material não são nunca fortuitos; todo estudioso está sempre engajados nas questões que lhe atrairiam a atenção, está sempre engajado, de forma profunda e muitas vezes inconsciente, naquilo que executa. Além de sua posição diante ao objeto a estudar, urge considerar também o momento histórico-científico em que se encontra a maneira de compreender as ciências no mundo intelectual de que faz parte (QUEIROZ, 1992, p. 15).

Nos parágrafos a seguir demonstrarei os caminhos que foram dados antes de entrarmos um pouco mais na história do assentamento. Embora eu já tivesse passado boa parte da minha vida no município de Uiraúna, ainda não havia tido conhecimento do mesmo, só passei a ter conhecimento de tal lugar após ser feita uma pequena pesquisa sobre os assentamentos na região da Paraíba, o que devo confessar ter sido uma surpresa agradável, pois, a ideia de pesquisar um assentamento na região na qual eu nasci, alegrou-me.

O primeiro ponto é a preparação de informações básicas, por meio da leitura ou de outras maneiras. A importância disso varia muito. A melhor maneira de dar início ao trabalho pode ser mediante entrevistas exploratórias, mapeando o campo e colhendo ideias e informações (THOMPSON, 1992, p. 254,).

Após o levantamento de dados que fizeram com que o assentamento se tornasse “visível aos meus olhos”, iniciou-se a busca por mais informações acerca do local, e de como fazer para chegar ao assentamento, ou as pessoas que poderiam auxiliar para a construção da pesquisa naquele local. Sendo o local ainda novo ao campo do meu conhecimento acerca do mesmo, precisei pouco a pouco,

tentar-me “inserir” ao universo do assentamento. “Não obstante, mesmo num estudo histórico mais geral de uma comunidade ou de uma indústria, é importante que se obtenha o mais rápido possível um conhecimento das práticas e da terminologia locais” (THOMPSON, 1992, p. 256).

Os primeiros “passos” até a primeira visita ao assentamento foi no dia 1¹⁹ de Junho de 2017. Foi feita uma pequena introdução sobre o trabalho realizado na Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (EMATER-PB). Fazendo uma breve pesquisa na internet em sites oficiais sobre o trabalho que era realizado por este órgão. Ainda no dia 19 de Junho, busquei também encontrar algumas informações sobre o município de Uiraúna e sobre o Assentamento Sítio Guerrilhas e buscar o mapa do local.

Seja qual for a técnica empregada, seu campo de ação para coligir os dados é constituído pelos documentos, que são registros da realidade em determinado momento e em determinado local, fornecendo informações ou servindo de provas para informações já obtidas. Eles se apresentam em geral sobre três formas: documentos escritos; documentos orais; documentos iconográficos. Em qualquer dos três casos podem eles existir na coletividade estudada, ou podem ser fabricados pelo o pesquisador. Os primeiros, cuja vigência independe do cientista, são constituídos por registros de várias fontes históricas, por estatísticas, por quaisquer apontamentos a respeito da realidade, efetuados por quem quer que seja, na atualidade ou no passado (QUEIROZ, 1992, p. 29).

No dia 22 de Junho de 2017 fui à Biblioteca Municipal, chegando lá eu encontro duas jovens moças aparentando terem entre 22 à 23 anos de idade, me apresentei e lhes informei acerca do que eu ali buscava. Não obtive muito êxito, pois, as duas jovens moças nada sabiam sobre a existência de trabalhos, textos, livros ou algo do tipo, que contasse a história do município de Uiraúna, exceto sobre as revistas anuais que eram distribuídas pela cidade e que “contavam” segundo elas um pouco sobre a história do município. Uma delas exclamou dizendo: “Eu mesma as utilizei como fonte de pesquisa para um trabalho meu da universidade”.

Um fato bastante curioso quando buscava informações acerca do assentamento, ambas as moças que ali trabalhavam, não faziam ideia do que eu estava falando, o mesmo fato se repetiu várias vezes quando perguntava sobre a

¹ É importante ressaltar que toda a data mencionada nesta pesquisa não determina todas as minhas idas a campo, portanto, as datas mencionadas no referente trabalho servem para buscar “inserir” os leitores ao “universo” da pesquisa.

localização do assentamento, ou mesmo, sobre a existência deste local no município de Uiraúna.

No dia 22 de Junho de 2017 fiz a minha primeira visita a EMATER-PB da cidade, a priori a minha visita tinha como objetivo conversar com um dos técnicos que trabalham lá, que iremos chamar de senhor M². A relevância de tal visita, foi o fato da EMATER-PB, ter sido um dos principais órgãos que foi responsável pelo o processo de implementação do Assentamento Sítio Guerrilhas. A minha primeira tentativa de encontra-lo não foi bem sucedida, porém, consegui encontrar outro técnico que me aconselhou retornar no dia 27 de Junho, pois, o senhor M estava viajando.

Antes de dar continuidade ao caminho feito até a primeira visita ao assentamento, irei introduzir um pouco sobre alguns dos motivos para que a ida a EMATER-PB tenha sido tão relevante para a construção desse trabalho. Bem, como já mencionado acima, eu não havia tido conhecimento antes sobre a existência de um assentamento rural no município de Uiraúna, até ter surgido à ideia de fazer minha pesquisa no Sertão da Paraíba. Uma das primeiras ferramentas a serem usadas, foi à busca na internet sobre possíveis assentamentos rurais no Sertão da Paraíba, e coincidentemente encontro o Assentamento Sítio Guerrilhas localizado no município de Uiraúna.

Existe uma página na internet³ que conta um pouco da história do local, e de como se deu o processo de implementação do assentamento e do surgimento de um projeto para o assentamento. Associação dos Pequenos Agricultores do Sítio Guerrilha - Uiraúna - PB Projeto de Combate à Pobreza Rural (Assentamento Sítio Guerrilhas). Tema que será mais bem abordado no capítulo seguinte. O funcionário da Emater foi um dos vários personagens que deram início a construção desse projeto.

No dia 27 de junho, finalmente consigo conversar um pouco com o senhor M. se disponibilizou a ajudar no que fosse necessário para a pesquisa, seja consultar documentação, até mesmo intermediar o meu contato com os moradores do assentamento. Talvez o fato de ele conhecer a minha família tenha o tornado mais amigável e receptivo no que diz respeito a sua disponibilidade em me ajudar

² A fim de preservarmos as identidades dos participantes da pesquisa, decidimos por alterar os nomes dos mesmos substituindo-os por iniciais aleatórias.

³ <http://assentamentositioguerrilhas.blogspot.com/>

com o que fosse necessário para pesquisa. Quando eu chego à EMATER-PB havia algumas pessoas que queriam tratar de assuntos internos relacionados ao órgão, então, eu não tive muito tempo para falar com o funcionário da Emater, em que o mesmo sugeriu que naquele mesmo dia, um pouco mais tarde eu fosse a sua casa para podermos falar melhor sobre a minha pesquisa. Pouco tempo depois eu vou a casa dele, lá tivemos uma pequena conversa “informal” sobre a minha pesquisa e sobre algumas questões relacionadas ao assentamento e a sua participação no projeto que citei acima... E em nossa conversa ele citou a Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), e mencionou que o PRONAF juntamente com a EMATER-PB ajudaram a desenvolver o projeto de construção do Assentamento Sítio Guerrilhas.

Ser bem-sucedido ao entrevistar exige habilidade. Porém, há muitos estilos diferentes de entrevista, que vão desde a que se faz sob a forma de conversa amigável e informal até o estilo mais formal e controlado de perguntar, e o bom entrevistador acaba por desenvolver uma variedade do método que, para ele, produz os melhores resultados e se harmoniza com sua personalidade. (THOMPSON, 1992, p. 254,).

Não tivemos uma conversa longa acerca deste projeto, a qual eu retomei quando eu o reencontrei para realizarmos a entrevista, e quando, pudemos melhor recolher as informações acerca de tantas indagações que aquela pequena conversa não pôde esclarecer.

A primeira visita ao Sítio Guerrilhas foi no dia 02 de Julho. No início foi um pouco complicado chegar ao local, primeiramente porque a todos que eu perguntava na cidade de Uiraúna, não se tinha conhecimento sobre algum assentamento com este nome. Finalmente depois de algumas tentativas na busca de informações de como se chegar ao assentamento, consigo encontrar informações que me ajudaram a finalmente chegar ao assentamento. destino desejado

Algo interessante aconteceu na busca pelo assentamento. Encontro-me com algumas pessoas no caminho e pergunto se elas sabem como chegar ao assentamento, e uma dessas pessoas falaram: Ah! Sim... Você fala “dos sem terra” né? Isto me fez pensar em como as pessoas veem os moradores do assentamento e que a palavra assentamento é um pouco “estranha” e vista de forma a causar certa estranheza aos “olhos” dos vizinhos que vivem nos arredores do assentamento, e que a palavra “sem terra” é menos estranha, ou seja, um termo

rodeado de estigmas sobre o seu significado mais profundo. Por fim, conseguimos chegar ao assentamento.

Ao chegar ao assentamento tive uma pequena conversa com duas moradoras locais e podemos falar um pouco de como algumas indagações acerca de algumas informações que possibilitou um breve contato com o que acontecia no assentamento, na página da internet mencionada antes, que descreve de forma relativamente breve um pouco sobre a história do assentamento. Neste primeiro momento que inicio a busca por conhecer a história local, conduzo as primeiras informações em relação às informações contidas na página da internet. Percebo já algumas diferenças em relações há algumas informações contidas na página da internet e as ações do cotidiano da vida dos moradores locais.

Embora na página da internet algumas informações não estivessem de acordo com a realidade atual dos moradores do assentamento, muitas das informações contidas lá, me permitiram me direcionar melhor neste primeiro momento no assentamento e com isto, me preparar para o questionamento de novas descobertas sobre o local e os seus moradores.

Ressalto aqui para a importância novamente em se aprofundar no que diz respeito ao ouvir e olhar. Imaginemos que esta pesquisa tivesse como fonte de coletar informações a página da internet, ou melhor, digamos que esta seja a única ferramenta de busca para se conhecer a história do assentamento, a pesquisa estaria fadada ao fracasso, embora estivesse contido ali o máximo de informações possíveis sobre o assentamento. Neste sentido, para este trabalho só o ler não seria satisfatório, pois eliminaria tantos os ruídos que pareceriam insignificantes, como aos que seriam essenciais para o saber como construção científica. O olhar e o ouvir além de serem indispensáveis para a construção do saber, o são também totalmente independente para a construção do mesmo. Para a construção desse trabalho a entrevista foi umas das ferramentas mais importantes, pois o ouvir também nos proporciona ao olhar, e vice-e-versa.

[...] Por isso, a obtenção de explicações fornecidas pelos os próprios membros da comunidade investigada permitiria obter aquilo que os antropólogos chamam de “modelo nativo”, matéria-prima para o entendimento antropológico. Tais explicações nativas só poderiam ser obtidas por meio da entrevista, portanto, de um ouvir todo especial. Contudo, para isso, há de se saber ouvir. (OLIVEIRA, 1996, p. 22).

Já que introduzimos um pouco como foi o passo a passo até chegarmos ao desenvolvimento dessa pesquisa, gostaria de enfatizar a importância de buscar por recursos metodológicos, essa pesquisa se tornaria menos plausível no campo do desenvolvimento científico. Seja uma entrevista oral com o uso de recursos de gravador, ou mesmo uma entrevista semiestruturada ou estruturada no formato de questionários. Algumas das metodologias, como as que foram citadas no parágrafo anterior que foram usadas para as entrevistas, afim, de construir as perguntas que considero indispensáveis para este trabalho e que melhor são indicadas para a construção do que foi proposto na pesquisa, foi baseada nos textos de Thompson (1992), o autor enfatiza a importância em prestarmos atenção a algumas informações chaves para o desenvolvimento das perguntas que poderão ser utilizadas para melhor podermos aproveitar os dados que serão mais tarde avaliados dentro de uma entrevista.

Informações básicas da família, rotina doméstica, atividades da família, religião classe social, escolaridade, trabalho, são alguns dos muitos temas que podem ajudar na construção do conhecimento científico como um todo, principalmente, ao se tratar de uma pesquisa que busca analisar a história de um lugar. Ter seguido este roteiro com base para a elaboração dos questionários foram fundamentais para esta pesquisa.

Em resumo, tanto os métodos quantitativos, quanto os métodos qualitativos são juntos indispensáveis para as pesquisas nas Ciências Sociais, porém, não se esquecendo da complexidade que é o universo do campo das ideias e da psique de cada interlocutor que foram fundamentais na coleta dos dados que posteriormente serão apresentados nesse trabalho.

As Ciências Sociais assim como as demais Ciências buscam abstrair a “verdade” por trás de cada dado coletado, não importam quais são os métodos escolhidos por cada um dos buscadores dessa “verdade”, o importante é chegar se não ao mais próximo dessa “verdade”, encontrar respostas para as questões que antes mesmo de chegar a se transformar em texto, teria sido uma hipótese que se fazia presente no campo das ideias.

A utilização de questionários facilmente redutíveis a algarismo e porcentagens, o emprego de estatísticas pelas Ciências Sociais, parecia libertar a estas da individualidade de cada cientista com as circunstâncias de que ela estava embebida, uma vez que o raciocínio se operava sobre

quantias diretas ou indiretamente mensuráveis. A quantidade sempre fora tida como detentora de elevado grau de abstração, uma vez que se apresentava destituída de quaisquer predicados: ela não dizia se o objeto era bom ou mal, se era branco ou negro. O que este tipo de saber tratava era de quantas unidades se compunha o fenômeno, com que intensidade se apresentava (QUEIROZ, 1992, p. 18).

Em alguns momentos da pesquisa deparo-me com a problemática que seria focar somente nos questionários⁴, uma vez que o mesmo, não por não está bem estruturado, isso não teria sido o “problema”, já que o mesmo foi atentamente planejado para este tipo de pesquisa, mas sim, por ter apresentado desafios no momento da sua aplicação, visto que os moradores do assentamento se mantiveram receosos em responder alguns questionamentos ali apresentados. É de suma importância ressaltar que para esta pesquisa e assim como para qualquer outra, um conhecimento prévio de metodologias e teorias acerca da temática escolhida é indispensável, porém, é importante também frisar, que mesmo com conhecimentos prévios que foram se acumulando em especial pelas Ciências Sociais, já que esta é a minha área de conhecimento, o que não significa que a interdisciplinaridade não seja também relevante em alguns estudos. Por exemplo, ter um pouco de conhecimento na área de linguagem corporal e das relações humanas como um todo me permitiu em alguns momentos tornar algumas situações mais confortáveis e menos hostil, e claro, sempre buscando respeitar aquele que está disposto a ser ouvido ou mesmo lhe ceder um pouco de espaço dentro da sua rotina diária. Ter respeitado esse espaço entre o pesquisador e o “pesquisado”, termos um pouco equivocados de se empregar aqui, já que, ora estes dois universos se confundem, pois ora eu sou a que observa, ora eu sou a que é observada, é como uma dança em que ambos os pares precisam contribuir entre si para que os movimentos da dança sejam sincrônicos, sem o qual a dança não aconteceria sem o qual esta pesquisa não teria sido possível. Unir conhecimento prévio científico como os conhecimentos do universo particular de cada pesquisador torna essa “união” quase que perfeita.

⁴ Vale ressaltar que os questionários que utilizei na pesquisa foram elaborados pela professora e orientadora desse trabalho Patrícia Alves Ramiro, questionário modelo do projeto de pesquisa: Reprodução Social em Assentamentos Rurais Paraibanos. Aqui me vi totalmente desafiada em como eu poderia então obter alguns desses questionamentos que a priori somente com o uso de questionários quantitativos não responderiam às questões.

Para poder operar nesse nível mais alto, necessita o pesquisador de uma formação específica que lhe permita a tomada consciente de uma posição determinada no conjunto de conhecimentos que são os seus, oriundo de sua experiência, mas ampliada pelo o saber já acumulado pelas ciências em geral e por sua ciência em particular (QUEIROZ, 1992, p. 19).

É certo que para todas as ciências assim como nas Ciências Sociais, possuem conhecimentos prévios que são indispensáveis para qualquer pesquisador dessa área. Mesmo que existam conhecimentos prévios e de certa forma um “protocolo” a se seguir pelo o pesquisador, a profundidade de um fenômeno a ser investigado é tão complexa que não se podem explicar por si mesmos, o que se pode especular é uma abstração de tal fenômeno, por exemplo, não se poderia explicar a sociedade por si mesma, mas sim, buscando por elementos que a constituem como uma sociedade, já que a mesma não existira, sem os elementos que a constituem. O que um cientista social perguntaria quando é inserido em um campo totalmente novo de conhecimento, como no caso do Assentamento Sítio Guerrilhas, mesmo com os conhecimentos prévios teóricos da área sobre quais elementos faria com que uma teoria o denominasse assentamento rural?

Na minha experiência esta é uma pergunta complexa de ser respondida, visto que mesmo diante de alguns elementos que o define como sendo um assentamento rural, em alguns momentos foi um pouco complexo e ambicioso discordar ou concordar com os teóricos que serviram como base para este estudo.

Tanto no que diz respeito ao conjunto teórico fundamental, quanto ao tocante ao segundo conjunto, necessita o pesquisador conhecer sua própria posição diante deles, isto é, se os aceita integralmente, ou até que ponto, com eles concorda, em que aspectos os considera duvidosos (QUEIROZ, 1992, p. 21).

No tocante do que diz respeito aos dois tipos de conhecimentos técnicos, ou seja, o quantitativo e o qualitativo. A facilidade ou complexidade de um pesquisador abordar e pensar as teorias já existentes, ou ainda, de se aprofundar nos conhecimentos que lhes foram apresentados em campo, não depende somente de suas habilidades em particular de interpretar um dado conhecimento, mas sim, também em ter todo um preparo a priori e aprofundado das Ciências Sociais, para que não haja nenhum equivoco entre os conhecimentos das teorias da pesquisa quantitativa e da pesquisa qualitativa.

Recordem do que foi dito anteriormente, que não discordo da importância destes dois tipos de teorias presentes nas Ciências Sociais, menos ainda que um é de maior importância que o outro, o que ressalto é a importância da união entre estes dois métodos, pelo menos para esta pesquisa que foi fundamental para a melhor interpretação dos dados, e que somente com dados quantitativos, este estudo não se tornaria “completo”, já que foi necessário o olhar e o ouvir de forma a penetrar no universo em que o cientista está inserido.

Vale ressaltar ainda que mesmo com os “pulos de gato” que foram mencionados acima, em nenhum momento me mantive fora dos conceitos e teorias que envolvem o universo das Ciências Sociais, pois, o que pode parecer novo, é na verdade somente uma forma de adaptar um conhecimento já adquirido nas Ciências Sociais, buscando reinventar em campo, sem perder a essência dos conhecimentos já existentes nas Ciências Sociais.

A facilidade maior ou menor do cientista em descobrir sua maneira de pensar diante das teorias existentes, isto é, em penetrar na obscuridade do que se encontra implícito nas posições que adotou, não depende somente das qualidades pessoais e intrasferíveis: depende e muito de um sólido preparo sistemático, de um amplo leque de conhecimentos das disciplinas das Ciências Sociais (QUEIROZ, 1992, p. 22).

A capacidade de assimilação e reflexão do pesquisador diante dos dados que foram coletados, não importando a natureza dos dados, é indispensável para que posteriormente se possam avaliar os dados, sem tal reflexão do cientista, todos os dados coletados não fariam sentido, teoria e a capacidade do cientista em assimilar e destrinchar quaisquer que sejam os dados coletados em campo, precisam andar juntos de forma harmoniosa, ou seja, assim como um bisturi é a extensão da mão de um médico em uma cirurgia, a teoria e a capacidade de reflexão e assimilação dos dados são para um cientista social. O porquê da importância para o cientista ter a capacidade em destrinchar os dados que são apresentados no decorrer de uma pesquisa, isso se dá pela imprevisibilidade em uma pesquisa qualitativa, pois, diante de todo um projeto formulado antes de ir a campo, o mesmo pode sofrer modificações ao longo da pesquisa, pois os dados podem demonstrar inúmeras variações e como foi no caso desta pesquisa, e que já mencionado anteriormente neste trabalho, o “script” formulado antes pelo o pesquisador, a qualquer momento pode ser modificado, pois muitas vezes são

necessário alguns “pulo de gato”, para reinventar dentro do campo, pois algumas situações se mostram tão desafiadoras que muitas vezes o “antigo script”, já não caberá dentro da nova situação a ser enfrentada.

Outro motivo fundamental para a importância da capacidade do cientista em destrinchar e refletir sobre os seus dados, é que a teoria é uma especulação sobre algo ou fenômeno seja este de natureza das ciências exatas, ou mesmo de caráter mais subjetivo, como por exemplo, analisar uma sociedade. Não importa qual seja o campo de conhecimento, todos são plausíveis de mudanças e de uma nova significação do mesmo.

Quantos anos você tem? Qual a sua religião? Estes tipos de perguntas me auxiliaram no processo de me “inserir”, no universo dos moradores do assentamento. Claro, que como mencionado anteriormente existem alguns equívocos neste tipo de perguntas e respostas mais objetivas, não pelo o fato das perguntas estarem não suficientemente bem formuladas, mas, por apresentarem algumas respostas vagas daqueles que foram entrevistados. Poderia dizer que este foi um dos maiores desafios que foi apresentado neste estudo, no que diz respeito à metodologia. Mas voltemos ao questionamento que iniciemos no início do parágrafo, a priori foi necessário um questionário que me fosse possível um prévio conhecimento qualitativo dos moradores, para posteriormente o quantificar, não referente a quantificar no sentido puro da palavra, o que em alguns momentos isso de certa forma também foi feito, por exemplo, o total da quantidade de casas no assentamento.

A busca pelo o entendimento do universo qualitativo permite ao cientista desvendar o que é desconhecido. “As técnicas qualitativas desvendam os predicados de uma sociedade e de suas divisões internas” (QUEIROZ, 1992, p. 26). As técnicas são fundamentais ao pesquisador, pois, estas o ajudam a desvendar o universo que ali se encontra, e cabe ao cientista identificar qual será a melhor técnica para a investigação do fenômeno em questão.

Foi mencionado antes neste trabalho, que as ferramentas que mais julgo aqui serem as mais recomendadas para a coleta dos dados, foram por meio da utilização de entrevistas, o uso do gravador foi essencial para futuramente poder analisar e até mesmo comparar os dados posteriormente. “É indispensável também

à comparação com documentos que não foram fabricados por ele e que sirvam de comprovantes para a persistência do dado que captou” (QUEIROZ, 1983, p. 31).

Além do gravador que permite ao pesquisador um registro oral do problema a ser “desvendado” pelo o mesmo, existem outras formas de registrar um grupo, uma sociedade ou algum fenômeno em questão. A fotografia é uma delas, e certamente que não poderia deixar de se fazer presente neste estudo, pois estas nos possibilita descrever melhor o espaço físico e mesmo captar detalhes que não seríamos capazes de fazê-lo a “olho nu”. “Atualmente, a fabricação de um documento pelo o pesquisador utiliza vários instrumentos mecânicos outrora inexistentes: A fotografia, o filme, e, mais recentemente, o gravador que registra entrevistas, depoimentos, história de vida” (QUEIROZ, 1992, p. 31).

Sobre as problemáticas práticas que se pode encontrar em campo, segundo Queiroz (1983), a escolha do informante ou mesmo daquele que lhe fornecerá a entrevista, sendo assim, poderíamos, se perguntar, quais seriam os melhores indicados a esta função? Os que seriam selecionados pelo o próprio pesquisador ou escolhidos por outrem? Para esta pesquisa ter tido a opção de cautelosamente ir à procura de cada um dos que participaram das entrevistas. A segunda problemática prática que se pode encontrar em campo, refere-se ao tempo estipulado para cada entrevista. Visto que, alguns dos entrevistados ou podem exceder o tempo da entrevista que foi estipulado, ou mesmo, ter pouca disponibilidade em se aprofundar em algumas questões. Um terceiro problema estaria ligado ao fato de que algumas entrevistas poderiam estar em discordâncias com outras, ou seja, algumas informações que não apareceriam antes estariam presentes posteriormente em outras.

Quando me encontrava em campo, busquei na medida do possível dar liberdade e flexibilidade para os interlocutores, certamente que para algumas das entrevistas se seguiu um roteiro de respostas, as conversas informais também foram importantes, pois, podemos em conversas do cotidiano dos moradores do assentamento, coletar muitas informações relevantes. Porém, os permitindo agirem de forma espontânea.

Reforçou-se assim, a opinião das pesquisadoras de que, ao colher histórias de vida, e depoimentos pessoais, deveria ser preservada ao máximo a espontaneidade dos relatos; por espontaneidade, entende-se o que é feito o que é feito por seu próprio impulso, em decorrência de um primeiro movimento, sem provocação acusada ou influencia alheia... É verdade que

a simples presença do pesquisador é uma influência, e mais ainda suas indagações, pois estas podem orientar o depoimento num sentido que não teria tomado, se o entrevistado fosse deixado livre. (QUEIROZ, 1983, p. 76).

Em alguns momentos pude perceber em algumas falas a influência que minha presença ocasionou, porém, isto se deu devido ao fato dos entrevistados verem em mim uma “figura” influente, não somente pelos moradores do assentamento, como também, o técnico da Emater, que muitas vezes manteve uma postura como se já soubesse o que acontece em um “jogo” entre entrevistador e entrevistado, ou seja, como se já estivesse familiarizado com o universo da pesquisa. Porém, em alguns momentos na medida em que minha presença ia se tornando mais familiar, o mesmo ia tomando outra postura.

Não esquecer também que, sempre, o pesquisador se encontra, em posição de superioridade para com o informante, pela própria definição das relações de pesquisa: O pesquisador é quem “sabe e determina o que deseja”, e o informante está sempre na situação de quem procura descobrir como agir melhor para responder condignamente à demanda. (QUEIROZ, 1983, p. 77).

No que diz respeito à transcrição das entrevistas, busquei preservar as falas originais dos entrevistados. O ponto chave desta pesquisa é conhecer a história da construção do assentamento, o que considero a transcrição fiel ou pelo menos o mais fiel quanto possível das falas dos entrevistados, torna este trabalho, que posteriormente venha a ser um documento tanto para os moradores locais como forma de preservar a sua história, como para aqueles interessados em conhecer a história do lugar. “Transcrição se entende, por sua vez, a reprodução num segundo exemplar de um documento em plena e total conformidade com sua primeira forma” (QUEIROZ, 1983, p. 80). Combinando metodologias qualitativas, como a realização de entrevista com uso do gravador, com metodologias quantitativas, através da aplicação de questionários pode-se conhecer um pouco sobre a história do assentamento.

O diário de campo certamente não poderia se fazer ausente neste trabalho, pois este foi uma ferramenta crucial na construção desse trabalho, o mesmo me permitiu organizar, anotar, detalhar e mesmo guardar fatos que não se pôde ser observado nas falas dos entrevistados e dos demais moradores do assentamento. A cada passo, a cada informação nova, o diário de campo foi capaz de guardar tais

preciosas informações que posteriormente seriam analisadas a fim de se poderem responder algumas indagações intrínsecas ao campo.

O diário de campo, mais do que um instrumento de anotações, pode funcionar como um 'sistema de informação', onde é possível avaliar as ações realizadas no dia a dia, permitindo que o diário de campo, mais do que um instrumento de anotações, pode funcionar como um 'sistema de informação', onde é possível avaliar as ações realizadas no dia a dia, permitindo que o investigador seja capaz de melhorá-las e ao mesmo tempo desenvolver sua capacidade crítica, através da elaboração de um planejamento, onde ele possa traçar objetivos e propor atividades, preparando assim as ações profissionais futuras (FALKENBACH, 1987, p. 16).

Abaixo uma parte do diário de campo que complementa algumas das descrições que foram mencionadas neste capítulo sobre os caminhos percorridos desde antes a primeira ida ao Assentamento Sítio Guerrilhas até os caminhos que foram se seguindo a cada dia na pesquisa. Não cabe aqui e nem seria interessante descrever tudo o que foi anotado no diário de campo, concordando com o que Falkenbach (1987) menciona na citação acima.

No dia 08 de janeiro de 2018 liguei para a senhora H. para saber se ela poderia me conceder uma entrevista, sendo a primeira vez que entro em contato com uma moradora local após ter me apresentado como pesquisadora da UFPB. Ela aceita e sugere que eu vá a casa dela e me passa as informações que me seriam necessárias para chegar à sua casa, que fica no assentamento. Ainda no telefone ela me fala sobre algumas coisas relacionadas ao assentamento, tais como: A associação é formada por dez famílias; o bar que embora esteja localizado no Sítio Guerrilhas, não pertence ao assentamento; e sobre os caminhos possíveis para se chegar ao sítio (assentamento), que um seria pelo Sítio Olho do Água Seco, indo por dentro como os moradores de lá dizem, e o outro caminho por fora (também como os moradores de lá dizem), que dar acesso a estrada (rodovia) para a cidade do Paraná, que está localizada no Estado do Rio Grande do Norte. O primeiro caminho é uma estrada de terra (Barro vermelho) e é um pouco esburacada e estreita, dificultando a passagem de carros maiores e sendo melhor fazer o trajeto de moto ou carros pequenos. A segunda é uma estrada asfaltada, que embora seja um pouco mais longo o trajeto por esta rodovia em termos de quilômetros rodados, se torna mais rápida pôr a estrada ter um acesso melhor e mais confortável, sem muitas impedições de trajeto e com a facilidade de se trafegar, muitos acabam

preferindo viajar por ela. Por fim, marcamos a entrevista para o final de semana seguinte ao nosso telefonema.

Porém, a senhora H se esqueceu de um pequeno detalhe, não é tão simples encontrar carros que façam linha direta (termo utilizado pelos moradores do assentamento e também entre os moradores de Uiraúna) para o assentamento.

Um pouco sobre a senhora H... Ela não é oficialmente a presidente da Associação dos Pequenos Moradores do Assentamento Sítio Guerrilhas, porém, na prática é ela que fica responsável de praticamente todos os assuntos formais do assentamento, assunto sobre documentação e informações técnicas e históricas sobre a construção do assentamento, muitos se dirigem até ela para se tratar de tais assuntos, tanto os moradores, como o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e mesmo o Banco responsável por intermediar a venda das terras para os moradores.

Eu tentei conversar e marcar uma entrevista com a presidente da Associação dos Pequenos Moradores do assentamento, porém, ela não me deu um retorno. No dia 10 de janeiro de 2018 lendo alguns textos que abordam temáticas que a mim seriam úteis para ir a campo, me deparei com alguns pensamentos e questionamentos... Qual seria a percepção dos moradores do assentamento sobre o campo e a cidade? Porque a escolha em viver no meio rural? Será que a permanência no lugar se deu pela facilitação da implementação do assentamento? Como se deu o processo de escolha da permanência no lugar e se a mesma aconteceu por meio da Reforma Agrária? Algumas destas questões embora eu não pudesse imaginar antes da construção desses pensamentos, consigo encontrar respostas, ou pelo menos chegar perto disto no decorrer da ida ao campo de estudo.

No dia 11 de janeiro de 2018, por volta das seis e meia da tarde fui à casa do senhor F. para fazermos a entrevista, porém, não obtive êxito, já que o mesmo estava de saída e me pediu para adiarmos a entrevista para o próximo dia 15 de janeiro de 2018 pela parte da tarde.

No dia 13 de janeiro de 2018 por volta de uma hora da tarde, chego até a casa da senhora H, e como havíamos combinado, a entrevista ocorreria no dia planejado. Antes de chegar a sua casa eu e meu pai mais umas vez pegamos a estrada até o assentamento, desta vez optamos por pegar a estrada "Por fora", chegando ao Paraná (RN), eu desço do carro e me vou em direção a casa de um

dos moradores do município, bato na porta e prontamente um homem vem até a porta, desejo-lhe boa tarde e em seguida faço a ele a pergunta de como fazemos para chegar à casa de H. O homem nos direciona o caminho e sem mais demora entramos no carro e seguimos viagem.

Não demora muito e encontramos a casa, uma casa grande e amarela como nos descreveram que seria. No início da nossa conversa ainda um pouco informal, tanto a senhora A. como eu, ficamos um pouco tímidas, porém, com o passar do tempo e da conversa ficamos mais relaxadas, e antes de iniciarmos formalmente a entrevista, ela fala sobre alguns detalhes que considereei relevantes.

Ainda no mesmo dia após finalizarmos a entrevista a senhora H continuou a dar-me informações acerca do que acontecia no assentamento, coisas como, um pequeno conflito que já alguns dias estavam a fazer parte das conversas entre os moradores de lá, que se referia a divisão das terras tanto dos moradores que ali residiam, como a parte da terra que pertencia ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). Algum tempo depois de encerrada a entrevista com a senhora H nós fomos dar uma volta pelo assentamento para conhecer os demais moradores do assentamento e a suas casas, aproveitei para fazer algumas fotos e no caminho continuamos a conversar sobre o assentamento.

A senhora H buscou me apresentar para todos os moradores, indo na casa de cada um deles. Após algum tempo andando e conhecendo melhor o assentamento, paramos um pouco na casa da presidente da associação dos moradores, e lá estavam alguns outros moradores do assentamento a tomarem café, e os mesmos começaram a falar sobre a questão da divisão da terra deles e da terra que pertencia ao IBAMA, alguns questionaram que a divisão da terra que pertencia ao IBAMA não estava correta, havendo assim a possibilidade de alguns dos moradores estarem perdendo terra para o IBAMA, esta conversa continuou por alguns minutos, porém, logo depois mudaram de assunto, e segundo H. alguns dias depois a pequena confusão em relação às terras foram resolvidas e era por isto que os moradores foram à procura de H. e de F. da EMATER-PB para verem o mapa do local e comprovarem com “os seus próprios olhos”, que as divisões da terra estavam de acordo com as que eram informadas no mapa, por fim, tanto os moradores, como H. da EMATER-PB não viram este mapa, porém, a situação foi resolvida em

conversas internas entre os moradores e a EMATER-PB. A presidente da associação foi até a casa de Ana para pedir que a mesma lhe mostrasse o mapa da terra.

Alguns dos moradores que ali estavam na casa da presidente da associação de lá, relaram como conseguiam adquirir alguma renda mensal e assim conseguir um dinheiro extra, como por exemplo, Seu N, que plantava batatas e vendia no município do Paraná.

Outro morador (O tesoureiro da associação) relatou que planta somente para o próprio consumo, o mesmo planta muito caju e quando a colheita do fruto é grande, o mesmo compartilha com os seus vizinhos.

No dia 15 de janeiro vou até a EMATER-PB para iniciar entrevista com o senhor F. Após a entrevista ele me passa algumas documentações e me empresta a documentação original usada para a implementação do assentamento, para que eu fizesse uma cópia, e em seguida se dispõe a me ajudar no que mais for necessário para contribuir com a pesquisa.

Por volta das cinco e quarenta da manhã do dia 06 de fevereiro de 2018, juntamente com o meu pai fomos para o assentamento e devido à dificuldade em se encontrar se deslocar para lá, pois encontrar “carro de linha” que leve os passageiros até o seu destino final não é algo tão fácil de encontrar. Então fomos de moto. Uma pequena observação não foi tão fácil à viagem de moto, pois, desde criança possuo certo tipo de medo em viajar neste tipo de transporte. Fiquei hospedada na casa da senhora H. o que me permitiu ter o tempo necessário para visitar as demais casas e aplicar os questionários.

Fiquei lá uma noite e um dia quase dois dias... A senhora H. me recebeu muito bem à sua casa, muitas vezes ela me fez sentir como alguém já bem conhecido e próximo da sua família. Alguns minutos depois da minha chegada à sua casa, Ana me convida para tomar café da manhã com ela e seu esposo, e pouco tempo depois, por volta das nove da manhã, ela me convida para irmos fazer as primeiras visitas nas casas dos moradores locais, porém, como ela não podia demorar muito tempo no trajeto das vistas as casas comigo, ela encontra uma assistente social em uma das casas que estávamos visitando e que ali também estava para fazer a visita semanal, e pede para que a assistente social me acompanhe as outras casas, pois como disse Ana, seria uma ajudando a outra, já

que ambas precisavam visitar uma casa de cada vez, até a última casa do assentamento.

Infelizmente, não foi possível visitar todas as casas á pela manhã, pois alguns dos residentes do assentamento estavam fora da casa, alguns tinha ido até a cidade de Uiraúna, outros até a cidade do Paraná, para irem ao supermercado ou ao médico. Por volta das onze e quarenta, eu e a assistente social voltamos a casa de Ana, almoçamos e descansamos um pouco, e ao entardecer daquele mesmo dia, fomos novamente a visitar as demais casas que ficaram faltando ir para aplicar os questionários, e por “sorte” finalmente conseguimos visitar quase todas as casas, das onze que ali estão, porém, uma das casas não foi possível fazer a visita, pois, não conseguimos entrar em contato com o morador da casa, pois, o mesmo segundo a senhora A. não permanece muito tempo no assentamento, passando mais tempo na cidade do Paraná-RN.

Alguns moradores no início me olharam com certa hostilidade, já que eu era uma estranha para eles, e também porque alguns deles me confundiram com uma agente que trabalhava para o governo e que estava ali para coletar dados sobre o Bolsa Família, porém, com o passar dos minutos eles se sentiram mais à vontade com a minha presença, e certamente que o fato de eu estar acompanhada de Ana, que é tão conhecida e tida como uma figura de autoridade, os deixou mais confortáveis comigo. Por fim, por volta das nove da noite, concluímos todas as visitas e apliquei os questionários que ali foram destinados.

Algumas vezes em conversas informais, A senhora H. e os moradores me falavam sobre algumas de suas angústias acerca da relação entre as famílias associadas e a EMATER-PB. Para alguns dos moradores mesmo que a vinda de “estrangeiros” ao assentamento seja totalmente aceita, os mesmos também de certa forma veem a chegada de novos moradores com “bons olhos”, pois segundo os mesmos, o assentamento estaria crescendo, porém, não admitem que os “estrangeiros” tenham os mesmos direitos que os que estão ali desde o início do projeto do assentamento, por não fazerem parte da associação.

Vimos neste primeiro capítulo os caminhos e as metodologias que julguei melhores serem utilizadas para a construção desta pesquisa e que não importa qual tenha sido o método presente neste estudo, todos foram de fundamental importância. O que gostaria de enfatizar para finalizar este capítulo é a importância

da curiosidade em campo e dos tão mencionados neste capítulo dos “pulo de gato”. A experiência em campo nos traz inúmeros aprendizados em relação às metodologias de pesquisas que aprendemos na academia, nos livros e em qualquer que seja o lugar onde estamos indo ao encontro dos conhecimentos das Ciências Sociais como um todo.

CAPÍTULO 2. REFORMA AGRÁRIA

2.1. Breve histórico da reforma agrária no Brasil

Quando se trata do monopólio de terra no Brasil observa-se historicamente que é uma questão já bastante antiga, datada do século XVI, com as Capitânicas Hereditárias, que foram doadas pelo Rei Dom João III a nobres de sua confiança. O resultado disso foi uma total desigualdade de repartimentos de terras no país. O que se iniciou desde a época colonial do Brasil vem se dando continuidade até os dias atuais, ou seja, a concentração de terras nas mãos de poucos e a não repartição da terra de forma igualitária.

A base do latifúndio brasileiro constituiu-se através da escravização a priori de indígenas e posteriormente de africanos, principalmente no Nordeste do Brasil, com a exploração da cana de açúcar que teve seu auge no século XVI e início do século XVII. O sistema de doação das sesmarias ocasionou a formação das grandes propriedades com a configuração do sistema do latifúndio brasileiro (ROCHA; CABRAL, 2016, p. 32)

No ano de 1850 foi criada a Lei de Terras⁵ no Brasil, após a pressão pelos ingleses em relação a abolição da escravidão no país, que substituiu a mão de obra escrava pela mão de obra assalariada. Com esta lei em vigor, o antes escravo venderia sua força de trabalho, porém, não se tornaria proprietário da terra. A Lei de Terras determinava que qualquer cidadão brasileiro poderia se tornar proprietário privado de terras, porém, este direito era dado somente aqueles que em troca pagassem certo valor a Coroa. Na prática somente aqueles que tivessem poder aquisitivo eram capazes de se tornarem proprietários de terras, o que não mudou totalmente nos dias atuais. Na propriedade capitalista ocorre a exploração do trabalhador através do capital, ou seja, funciona com base na lógica capitalista.

No meio rural se pode perceber essa forte expropriação e exploração do trabalhador pensando na lógica do capitalista. Primeiro o capitalista tira todos os meios de instrumentos e materiais que permitiriam com que o trabalhador fizesse o seu trabalho de forma autônoma, ou mesmo nem dão a chance de um trabalhador trabalhar com a terra, depois ele se apropria da mão de obra do trabalhador, já que

⁵ A Lei de Terras, sancionada por D. Pedro II em setembro de 1850, foi uma lei que determinou parâmetros e normas sobre a posse, manutenção, uso e comercialização de terras no período do Segundo Reinado. Fonte: https://www.historiadobrasil.net/resumos/lei_terras.htm

este não tendo os meios necessários para trabalhar de forma autônoma, encontra uma possibilidade de trabalho através do capitalista, a quem agora possui os instrumentos e materiais de trabalho para que se possa trabalhar. “O que o quadro da situação brasileira no campo nos indica é que não se trata de um empresário engolindo outro, mas do capitalista engolindo o lavrador” (MARTINS, 1980, p. 58).

Na década de 1930 quando a industrialização brasileira ganhou força, trouxe também um marco para a história do campo brasileiro, o que “levou” muitos dos que moravam no campo para os grandes centros das cidades em busca de melhores condições de vida “A oposição entre a cidade e o campo não é, porém, senão uma face da realidade, pois os citadinos e os rurais formam, em certos aspectos, uma única sociedade”. (MENDRAS, 1969, p. 35).

A partir dos anos 40 no Brasil, houve um aumento de pessoas que muitas vezes eram da Região Nordeste, que migraram para o Sudeste do país. Cidades como: São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, era as que mais recebiam imigrantes nordestinos, essa busca se deve principalmente ao crescente rápido da industrialização.

As chances de se conquistar um emprego industrial ou no comércio e serviços, com os correspondentes níveis de renumeração e formalização das relações de trabalho, têm sido maiores nessa região e isto contribuiu para acelerar as migrações em direção às cidades do Sudeste (GARCIA JÚNIOR, 1989, p.11).

O processo de industrialização criou um novo polo dinâmico na vida social e econômica do país. A partir do século XX muitas transformações no cenário agrário brasileiro, surgindo os movimentos sociais da luta pela terra. Em 1964 é criado o Estatuto da terra, todavia, as mudanças que estavam sendo necessárias na reforma agrária no Brasil, não ocorreram como fora enunciado. Em 1985 com o fim da ditadura militar no país foi definido o primeiro Plano Nacional de Reforma Agrária, que fora fortemente combatido pelos ruralistas.

Como foi mencionado no início deste capítulo muitas são as lutas pela terra no Brasil, e que isto não é “coisa” dos tempos modernos, porém, esta luta vem desde os “primórdios” deste país, porém, quando falo “primórdios”, não me refiro a terra que antes era habitada pelo o povo indígena, refiro-me aos “primórdios” de um

Brasil colonial que até hoje ainda é “assombrado” por este período. A concentração fundiária no Brasil torna a vida dos que vive no campo, em uma luta diária, pois os mesmos além de lutarem para adquirir o seu pedacinho de terra, ainda precisam lutar para se manter na terra.

Muito se vem discutindo sobre a necessidade de realização da reforma agrária no Brasil. O I Censo da Reforma Agrária no Brasil em agosto de 1996, no qual o INCRA/Ministério de Política Fundiária juntamente com o INCRA/CRUB/UNB, tem como objetivo identificar as famílias assentadas nos projetos de reforma agrária do Estado e traçar um perfil socioeconômico das mesmas, a fim de conhecer melhor a realidade destas áreas.

De todo modo, cabe neste momento destacarmos que compartilhamos com a ideia de alguns autores de que a “[...]reforma agrária não termina com a desapropriação de uma propriedade e o assentamento do trabalhador rural numa parcela de terra, mas ao contrário, começa com estas medidas (LENO NETO; BAMAT, 1998, p.43).

Em todo o país muitos dos grandes proprietários de terra, tem tido o domínio de mais de uma propriedade, o que nos leva a ter uma concentração fundiária ainda maior. O grande problema, é que cada vez menos lavradores tem ficado com terra para trabalhar, ou seja, a terra vem se tornando cada vez mais inacessível para os lavradores, o que vem beneficiando os proprietários de terra, que tem como principal benefício da terra, a negociação e não o trabalho propriamente dito pelos os lavradores, beneficiando também muitas empresas privadas.

2.2 Reforma agrária de mercado

A partir de 1996, o modelo de “reforma agrária de mercado” do Banco Mundial começa a ser implementado no Brasil. Esse modelo visa melhorias no que diz respeito às leis que busquem além de menos gastos públicos, até atender uma demanda social de políticas governamentais capazes de reduzir as lutas ao acesso à terra.

O modelo de “reforma agrária de mercado” do Banco Mundial (BIRD) encontrou, no Brasil, a partir de 1996, as condições ideais para a sua implementação, as quais abarcavam desde a orientação de uma coalizão de poder interessada em promover uma contra-reforma radical do Estado (diminuindo gastos com políticas sociais e descentralizando responsabilidades), até a necessidade de criar políticas governamentais

capazes de conter a pressão social advinda das lutas históricas (SAUER; PEREIRA, 2006, p. 173).

Esse modelo de reforma agrária de mercado iniciou-se com a realização de dois empréstimos, um deles foi exclusivo para o estado do Ceará, denominado “Reforma Agrária Solidária”, e o outro conhecido como projeto piloto adotado em cinco estados do Nordeste, incluindo certamente o estado do Ceará, denominado “Projeto Piloto de Reforma Agrária” e “Alívio da Pobreza”, mais conhecido como Cédula da Terra, sendo executado entre os anos de 1997 e 2002, recebendo relevantes críticas dos movimentos sociais agrários e entidades sindicais de representação de trabalhadores rurais.

O Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), implementado no governo FHC apesar das críticas recebidas alega que projeto Cédula da Terra, obteve sucesso e é tido como modelo preferencial de acesso a terra para o campesinato pobre, embora pesquisas, inclusive pesquisas feitas pelo próprio BIRD, tenham demonstrado indícios negativos.

Caso a proposta para aquisição da terra fosse recusada, o órgão orientaria a associação a dar continuidade ao processo de negociação. Se fosse aprovada, o agente financeiro (no caso, o Banco do Nordeste) estava autorizado a contratar financiamento com a associação e a efetuar o pagamento ao proprietário e aos prestadores dos serviços de transferência de titularidade, bem como cobrar e receber os pagamentos do financiamento de cada beneficiário. O agente financeiro também deveria repassar diretamente às associações os recursos para investimentos comunitários (SAUER; PEREIRA, 2006, p. 183).

O contexto histórico em que apresentava o Brasil na década de 1990, era “palco” ideal para o BIRD que já havia sido “testado” em países da América Latina, o modelo de “reforma agrária de mercado”, havendo uma forte demanda por terra devido a situação que o Brasil apresentava na época, um “palco” perfeito para iniciar a implementação do projeto Cédula da Terra. Foi nesse contexto em que o Brasil vivenciava na época que possibilitou o país a implementação de programas orientados pelo o modelo de “reforma agrária de mercado”.

O Banco Mundial argumentou três justificativas para que o projeto Cédula Terra seja uma possibilidade de solução para os problemas que o Brasil vem enfrentando em relação a aquisição da terra. Em primeiro lugar, afirmou que a desapropriação da terra já não era um modelo efetivo no que diz respeito à reforma

agrária, propenso a corrupção, o que seria preciso substituir por uma ação mais eficaz e menos lenta de aquisição da terra. E, segundo lugar, a União não teria as condições necessárias para financiar os programas de reforma agrária, sendo um projeto de demasiado custeio, tornando o BIRD neste sentido uma melhor forma para a aquisição de terra. Em terceiro lugar, o governo federal não estava totalmente “sensibilizado”, com as lutas pela terra, visto que, muitas das terras eram adquiridas através das ocupações e acampamentos dos movimentos sociais, especialmente do Movimento dos Sem Terra⁶ (MST).

⁶ <http://www.mst.org.br/quem-somos/>

CAPÍTULO 3. A HISTÓRIA DO ASSENTAMENTO SÍTIO GUERRILHAS

No início “essas terras eram terra de meeiros”, era tudo campo: Nas palavras do trecho abaixo de uma das moradoras locais:

Eles eram meeiros daqui, dessa terra... Tudinho... Meu pai, meus tios... Criaram a família toda trabalhando aqui nessa terra na época. Jokácia Kelly: Meeiro no caso seria... Ana: Por exemplo: Você tem uma terra e eu vou trabalhar com você. Daí dar-se o nome de Meeiro, porque o que planta, o que colhe aí existe as partilhas, ou de meia ou de terça, ou de quartas, essas coisas assim né? Aí aqui era tudo terra, tudo campo, coisa de plantio, tudo para plantar. Ali era a casa e ele botava um morador, ali naquela casa que tinha e ele morava em Paraná, o senhor, o dono da terra mesmo. Aí meu pai além de trabalhar na roça ele tinha é... Chamava até tropeiro na época, não sei se esse nome indicado, mas, a gente tinha esse conhecimento botava um burro, uma tangida de burros, no lugar dos carros carregar, era os burro. Carga de algodão, carga de milho. Ele criou a família de onze filhos trabalhando dessa forma. Carregando algodão daqui para Uiraúna, do Paraná para Uiraúna, tinha até a Algodoeira Gadelha, não sei se você conhece... Jokácia Kelly: Gadelha? Sim. Ana: Eu acho que ainda tem os prédios ainda... Né? Eu: Tem (Moradora do Assentamento Sítio Guerrilhas, 55 anos).

O Assentamento Sítio Guerrilhas está localizado a 12 km do município de Uiraúna, localizado no Alto-Sertão da Paraíba e há 1 km do município do Paraná, localizado no Alto-Sertão do Estado do Rio Grande do Norte. Possui área total de 171,8 ha. A área utilizada para atividade rural é de 90,0 ha. Área aproveitável 81,8 ha. Área de produtos vegetais 30,0 ha. O valor total da área do assentamento foi dividido igualmente pelas dez famílias contempladas pelo projeto Associação dos Pequenos Moradores do Sítio Guerrilhas, ao qual, falaremos posteriormente. Cada contemplado recebe o tamanho total do lote de 17,18 ha. Existe dentro do assentamento uma reserva legal pertencente ao IBAMA, equivalentes a cem tarefas no total.

No início das minhas idas ao assentamento, houve uma pequena confusão sobre a quais municípios o Assentamento Sítio Guerrilhas pertencia, algumas vezes os moradores tinham algumas dúvidas sobre o assunto, porém, tempos depois esta pequena “confusão” foi desfeita, e vimos enquanto revisávamos (alguns moradores e eu) algumas documentações, que de fato o assentamento pertence ao município de Uiraúna-PB. A ida a cidade de Uiraúna é relativamente frequente, já que os moradores necessitam de vários serviços da cidade, como por exemplo, ir ao

supermercado entre outras. Porém, apesar da relação frequente com o município de Uiraúna, os moradores do assentamento votam no município do Paraná-RN.

Pertence ao município de Uiraúna. Agora ele fica na área de fronteira entre o município do Paraná no Rio Grande do Norte. Mas ele é tonalmente ligado na área do município de Uiraúna (Funcionário da Emater-PB, 63 anos).

Existem duas formas de se chegar ao assentamento, uma pela BR que liga o município de Uiraúna-PB ao município do Paraná- RN, ou seja, pelo o asfalto, são 23 km de distância até o assentamento, porém, se seguimos a segunda opção de caminho até o assentamento, são 12 km, este último segue-se de Uiraúna-PB, seguindo pelo Sítio Olho do Água Seco, indo por dentro como os moradores de lá dizem, e o outro caminho por fora (também como os moradores costumam dizer), que dar acesso a estrada (rodovia) para a cidade do Paraná, que está localizada no Estado do Rio Grande do Norte. O primeiro caminho é uma estrada de terra (Barro vermelho), como podemos ver na imagem 1, e é um pouco esburacada e estreita, dificultando a passagem de carros maiores e sendo melhor fazer o trajeto de moto ou carros pequenos. A imagem 2 é uma estrada asfaltada, que embora seja um pouco mais longo o trajeto por esta rodovia em termos de quilômetros rodados, se torna mais rápida devido a estrada ter um acesso melhor e mais confortável.

Imagem 1 - Estrada de Barro



Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Imagem 2 - Estrada acesso (Uiraúna-PB à Paraná-RN)



Fonte: imagem tirada da internet

Antes o local recebia o nome de Fazenda Guerrilhas ⁷ pertencia a Sátiro Francisco Moreira e Maria Leopoldina, que era conhecida como Dona Maroquinha. Com o falecimento do casal, sua filha Terezinha Pinheiro Moreira, com intenção de comercializar as terras herdadas, convidou algumas das famílias que ali naquelas terras trabalhavam a formarem uma associação, juntamente com a Emater, em um programa intitulado Programa Nacional de Combate à Pobreza Rural. A associação recebeu o nome de Associação dos Pequenos Agricultores do Sítio Guerrilhas (APASGU-PB). A fazenda Guerrilhas foi vendida para a associação, financiado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Banco do Nordeste do Brasil S.A., localizado no município de Sousa.

O projeto de assentamentos? Isso... Ali existia uma família tradicional, a família de Seu Sátiro e Dona Maroquinha, eles eram os proprietários, se eu não me engano tinha três filhas e hoje tem duas filhas e eles estudaram... Foram morar em outra cidade desse Brasil, Dona Maroquinha e Seu Sátiro pela idade vieram a falecer e os filhos com herança do pai por não mais habitar ali, não ter mais interesse em residir, de morar, resolveram assentar algumas famílias que formou lá dentro com os pais delas né? Pra que eles tivessem uma sequência de vida no meio rural e tivesse uma melhor condição de vida, como surgiu este programa do governo federal pra área de assentamento, financiamento das próprias propriedades, eles aproveitaram a oportunidade, e Teresinha que era uma das filhas do dono

⁷ Fonte: <http://assentamentositioguerrilhas.blogspot.com/>

da propriedade juntamente com o serviço de extensão rural, e por este motivo resolveu juntamente conosco incentivar aquelas famílias a adquirirem a suas propriedades, porque até então eles eram conhecidos como moradores e graças à aquisição da propriedade passaram a ser patrões, dono de suas próprias propriedades e ter um estilo de vida totalmente diferente, passando a viver por conta própria, sem depender de praticamente ninguém, exercendo a atividade rural que antes era exercida por eles na condição de morador (Funcionário da Emater-PB, 63 anos).

No caso do Assentamento Sítio Guerrilhas o programa de financiamento de compra da terra foi financiado pelo Projeto de Crédito Fundiário e Combate à Pobreza, também vinculado ao modelo Cédula da Terra, pioneiro no que diz respeito ao modelo de “reforma agrária de mercado”. A negociação da terra durante todo o processo de implementação do projeto APASGU-PB, foi feito de maneira amistosa entre os compradores e os vendedores, modelo que foi proposto pelos teóricos do BIRD, o que o autor nos mostra que isto nem sempre ocorre em outros projetos de implementação de assentamentos por meio da reforma agrária de mercado.

Apesar das críticas e da oposição dos movimentos sociais, o projeto-piloto Cédula da Terra foi implantado e obteve certa adesão social. Esta, porém, esteve longe do encontro amistoso e voluntário no mercado entre compradores e vendedores, como propõem os teóricos do BIRD. Na verdade, é possível identificar quatro fatores principais que condicionaram fortemente a entrada dos trabalhadores rurais no projeto (SAUER; PEREIRA, 2006, p. 179).

Os objetivos do Cédula da Terra eram reduzir a pobreza por meio de incentivo à produção agrícola como renda familiar, elevando o rendimento agrícola e buscar substituir o velho modelo de aquisição da terra pelo o novo modelo de mercado. Tinha como objetivo alcançar os trabalhadores sem-terra, que eram assalariados e produtores rurais. A associação comunitária foi um dos pré-requisitos para a implementação do projeto. Uma avaliação técnica também era necessária ao local onde se propunha a implementação de um assentamento rural “Porque no início vinha muita gente, vinha engenheiro, sabe... Vinham às pessoas do Instituto de Terras e Planejamento Agrícola (INTEPA) sempre tavam aqui... Por sinal, quem veio dividir... veio três engenheiro dividir as terras...” (Moradora do assentamento, 55 anos).

Sobre o perfil dos compradores exigido pelo projeto Cédula Terra, os moradores do assentamento correspondem ao que o projeto propõe: Dados que

foram constatados em trechos da entrevista realizada com a moradora Ana e nos questionários quantitativos aplicados aos moradores locais.

Sobre o perfil dos compradores, de modo geral, trata-se de um segmento com baixíssimo grau de escolarização (37,7% eram analfabetos e 47,1% estudaram entre a 1ª e a 4ª séries) e muito pobre. A renda monetária anual total antes de entrar no Cédula foi estimada em R\$ 2.057 para uma família cujo tamanho médio era de 5,2 membros (algo em torno de R\$ 32,90 por pessoa por mês, inferior a um terço do salário mínimo da época) (Buainain et al., 1999, p. 273). Estimou-se que a imensa maioria era formada de assalariados rurais e agricultores não proprietários (parceiros, arrendatários), normalmente com ocupações complementares. A quase totalidade dos beneficiários morava no local há muitos anos, sendo que um número significativo nasceu na própria região ou no entorno próximo, e aproximadamente 90% tinham como local de trabalho a zona rural (SAUER; PEREIRA, 2006, p. 185).

Através de uma Assistente Social da EMATER-PB, e juntamente com o funcionário da Emater, iniciaram o projeto APASGU-PB, que contemplaram dez famílias no total. Tendo início em 2003. Terezinha Pinheiro vendeu primeiramente a terra para o Banco do Nordeste, e o banco vendeu as terras para a associação. As terras foram divididas para as famílias associadas, e a localização de cada uma das famílias foram destinadas através de um sorteio. Antes da implementação do projeto, havia somente uma casa, a casa dos antigos donos da terra que hoje pertence à senhora H, uma das contempladas com o projeto. A casa observada nas imagens 3, 4 e 5, que já havia ali também fez parte do sorteio, pois o dinheiro que o banco liberou não foi suficiente para a construção de todas as casas, sendo assim, foram construídas no início nove casas, e a casa que já estava construída e que antes pertencia aos antigos donos da terra, também entrou para o sorteio. Vimos que todos puderam se beneficiar com a venda dessas terras, pois, tanto a EMATER-PB e os antigos donos da terra, foram beneficiados com esta venda da terra.

Teresinha que era a pessoa que eu falei que era uma das herdeiras, ela decidiu vender essa terra para o banco e o banco vendeu pra esses associados... Quando dividiu as terras fazia o lote de um a dez, aí era no sorteio, fulano aqui... fulano aqui... fulano aqui... E não tinha essas casas, essas casas aí também foi o banco que liberou uma verbazinha pra construir essas casas... Essa casa aqui não era assim, aqui foi uma reforma que a gente fez... Essa casa aqui era dela, de Terezinha quando ela vinha de férias ela gostava de vim pra cá... Aí sorteou, porque a verba que o banco liberou não deu pra construir as dez casas, só dava pra construir nove, e esse pessoal morava tudo no Paraná. Aí construiu... Sorteou essa daqui... E meu esposo foi sorteado ela... Mais as terra, o que iam fazer era tudo no sorteio. Pra não dizer fulano ficou com isso, fulano ficou com aquilo... Tudo no sorteio. Aí um período teve umas vaca também que o

banco liberou... No início foi tudo favorável mesmo... Essas vacas não entrou no empréstimo (As vacas que estavam próximas a gente) Depois foi fornecido um empréstimo (Moradora do Assentamento Sítio **Guerrilhas, 55 anos**).

Imagem 3 - Primeira casa quando ainda era chamada Fazenda Guerrilhas



Fonte: <http://assentamentositioguerrilhas.blogspot.com/>

Imagem 4 - Primeira reforma feita na casa



Fonte: <http://assentamentositioguerrilhas.blogspot.com/>

Imagem 5 - Modelo da casa nos dias atuais



Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Existe uma história sobre local, contada pelo os moradores locais (imagem 6) de que a região já foi visitada por Lampião e seus parceiros, e existe também uma lenda em torno do nome Assentamento Sítio Guerrilhas.

Eu não vou afirmar não, uma vez eu disse até a Terezinha aqui... Terezinha você sabe qual é a origem de Guerrilhas? Ela disse: Não, eu sempre já ouvir falar esse nome Guerrilhas. A minha avó contava uma história não sei se foi verdade... Que houve um início de guerra e tinha como sinal que não chegou nem a levar as pessoas pra sepultar coisa assim... Eu não sei se era pra assustar a gente... Mas, eu acredito que não era não... E deixaram na terra mesmo, aí o que é que faziam, pegavam as pedras e chegavam... E como a gente andava muito a pé aqui pra deixar o almoço aqui, minha avó vinha mostrando... Olha ali é um... Ali é outro... Né? Até ali, como quem vai assim... Às vezes a gente ainda vê os moinho de terra. Aí disse que foi um início de guerra não sei... Terezinha não afirmou. Ela disse, é possível... Mas, ela nunca... Não sei se desligou as pessoas antes não tinha muito essa curiosidade né? De saber a origem né? Aí eu não sei, só sei que minha avó contava isso (Moradora do Assentamento Sítio Guerrilhas, 55 anos).

Imagem 6 - Ana Maria e Eu



Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Antes de darmos continuidade a história do assentamento, iremos introduzir um pouco quem é o funcionário da EMATER-PB.

Acho que por minha própria atividade na Emater e por conta dessa minha atividade todo mundo que me procurava dizia: procure F.da Emater (2x) e graças a Deus eu acho até bonito né, a empresa que eu faço parte, que me deu o pão de cada dia né... Receber esse apelido a essa altura de F.da Emater... Aí fui conhecido assim, aqui pelos moradores do município (Funcionário da Emater-PB, 63 anos)

O mesmo já foi vereador do município algumas vezes consecutivo, mas, precisamente por 16 anos.

Sim, fui vereador durante 16 anos, por quatro mandatos, desses quatro mandatos eu tive três como presidente da câmara e sempre é... Graças à população, sou uns dos mais votado em uma legislatura e as quatro vezes que fui candidato todas às vezes fui bem... Ficando nas primeiras colocações... A minha candidatura foi em 1996 fui eleito vereador e logo neste primeiro mandato ocupei o meu primeiro... A vice-presidência da câmara e no segundo... Cheguei a ser presidente. Valendo salientar que depois dos meus 16 anos de mandato de vereador, fui também efetuado na condição de prefeito por um dado período em função da cassação de Dr. Geane na época prefeita de Uiraúna por motivos que não me cabe agora aqui lhe relatar perdeu o mandato, foi cassada e eu assumi por uma eleição indireta feita pelos os próprios vereadores (Funcionário da Emater-PB, 63 anos).

Segundo o funcionário da EMATER-PB teve uma participação importante no que diz respeito ao projeto Assentamento Sitio Guerrilhas, e o mesmo afirma que dentre todos os assentamentos de regiões vizinhas, o Assentamento Sitio Guerrilhas é o pioneiro em quitar suas contas.

A nossa contribuição foi orientar as famílias no sentido de que mostrar a importância é... Do assentamento para as famílias, principalmente para aquelas pessoas que são moradores que nunca tinha terra, que trabalhavam na condição meio, de parceiro né... Então é... Mostrando também a importância de adquirir a propriedade com incentivo do governo federal, eles adquirem aquela propriedade pelo o valor de oitenta mil reais e de imediato o governo aplicasse um bônus se eles pagassem o projeto em dia de quarenta e cinco por cento, que dizer, eles pegaram a propriedade por oitenta mil reais e pagaram praticamente quarenta e cinco mil reais. Além do incentivo a comprar a terra o governo é... Fez a doação de recursos financeiros, para que eles pudessem construir cada um à sua casa própria, adquirir duas matrizes pra começar uma vida pequena de criador é. E uma série de infraestrutura como cercas, armazéns, toda essa parte foi doada para as famílias, então, você vê a importância que um projeto desse tem. Se você não é proprietário, você não tem uma casa pra trabalhar, mora em casa de terceiros né... Você não tem um depósito pra armazenar sua produção, por tudo isso, por ter dado uma condição de vida aquelas famílias e dos assentamentos da região que nós temos Sousa e Cajazeiras que eu conheço, ele é o único assentamento que tá com suas parcelas todas pagas, hoje são proprietários sem dever um centavo mais, graças ao esforço de cada um e a orientação técnica e gerencial que foi prestada pela Emater. Eu sou servidor da Emater, então eu coloco a Emater na frente, pois ela contribuiu bastante pra que eles tivessem sucesso (Funcionário da Emater-PB, 63 anos).

Embora existam outros assentamentos na região, o Assentamento Sitio Guerrilhas foi o primeiro da região e do município de Uiraúna, em que não necessariamente tenha havido a desapropriação da terra, embora tenha locais no município que o governo não está fazendo o uso da terra, a tornando assim, um local propício para a implementação de novos assentamentos, como é o caso das terras da Barragem Capivara que também está localizada no município de Uiraúna.

Existe um assentamento no município de Poço Dantas, o entrevistado não especificou se o mesmo havia sido implementado no mesmo formato do assentamento Sítio Guerrilhas. Em relação às outras terras que a EMATER-PB juntamente com os agricultores da região estão a “batalharem”, e como estas pertencem ao governo, parece aqui que estas terras terá um “destino”, um pouco diferente das terras do Assentamento Sítio Guerrilhas, pois a mesma, não teve a necessidade de ser desapropriada.

Eu conheço bem na região do Poço Dantas, no município de Uiraúna nós só temos por enquanto o Assentamento Guerrilhas. Aí em Poço Dantas tem o Assentamento Bom Jesus, só que no momento nós estávamos com quatro projetos em implementação pra ser adquirido às propriedades no município de Joca Claudino né? Mas, no momento em Uiraúna só tem oficialmente o Assentamento Guerrilhas. Há uma luta bem avançada de alguns agricultores tentando ver se consegue a desapropriação de propriedades nas margens da barragem capivara, e acho que por ser uma área que tá praticamente sem exploração seria bom que o governo federal visse com bons olhos, porque se a área não está produzindo seria interessante que possa ser produzidas por pessoas que não tem propriedade e tem interesse em trabalhar terra (Funcionário da Emater-PB, 63 anos).

Para ele o projeto de implementação do Sítio Guerrilhas não só trouxe contribuições para os moradores locais, como também para servir de “inspiração”, para a implementação de novos assentamentos na região.

Não só para o Sítio Guerrilhas, mas, para qualquer tipo de assentamento, eu avalio de forma altamente importante, acho que o governo federal devia expandir de uma forma bem generosa ainda mais a expansão dos assentamentos, porque ele é um projeto que traz uma função social muito grande para essas famílias. É... Depois desses assentamentos você vê poucas invasões né? Ver famílias rurais trabalhando em suas próprias propriedades, tendo todo direito, então eu acho que ele é bom, mas, poderia ser bem melhor se o governo federal é... Atendesse a demanda que é muito grande, e tem várias famílias nesse Brasil, principalmente desse Nordeste para serem assentadas, e infelizmente muitas burocracias impede com que isto aconteça de forma bem rápida, mas, é um projeto bastante interessante e onde tem área de assentamento a gente ver que as famílias mudaram pra melhor. Existe também... Não tem em Guerrilha, mas, em outros assentamentos, as próprias escolas são mantidas dentro do assentamento, Guerrilha não tem porque são só dez famílias e o número de crianças é muito pequeno, como ele fica bem próximo ao Paraná, então, as crianças são atendidas no Paraná, mas, existem assentamentos que tem toda essa infraestrutura não só na área de educação como na área de saúde ((Funcionário da Emater-PB, 63 anos).

Embora o projeto tenha trago segundo F. alguns benefícios aos moradores locais e para a região, o mesmo ainda necessita de novas contribuições aos contemplados pelo o projeto, a exemplo da infraestrutura local. F. ainda ressalta a

importância da contribuição e participação do governo para um melhor desenvolvimento do assentamento como um todo.

Eu acho que ainda tem algumas partes de infraestrutura que depende de certa atenção por parte do governo. Tá bem? Está... Mas, tem outras questões que podia tá lá dentro já, atualmente um posto de saúde, agora as famílias aumentaram bastante e os filhos dos assentados que casaram vivem também dentro do assentamento, então eu acho que poderia se preocupar em adquirir mais terras nas áreas vizinhas que tem lá, aras que podem ser destinadas a venda, pra aumentar a área do assentamento, porque a área mesmo que tem lá pra cada família é a área que é adequada pra manter só a família que adquiriu na época, a medida que vai expandido o número de familiares, a gente tá notando que há uma necessidade de mais terras pra que os filhos possam instalar outra propriedade, não aquela que foi projetada pra atender a família que adquiriu (Funcionário da Emater-PB, 63 anos).

As dificuldades que as famílias assentadas através de programa de reforma agrária estão intimamente relacionadas com a falta de compromisso dos órgãos governamentais, dificultando a vida das famílias nos assentamentos. De acordo com Leno Neto e Bamat (1998), na Paraíba muitas têm sido as dificuldades que os assentados enfrentam, tais como: problemas referentes às linhas de crédito, ao alto endividamento, à falta de assistência técnica, beneficiamento e comercialização da produção, como também na formação em empreendimentos inspirados na Economia Solidária, na sua organização política e no desenvolvimento sustentável. No caso do Assentamento Sitio Guerrilhas em relação às formas de produção dos produtos, às linhas de créditos e sobre os pagamentos de todos os créditos que o Banco do Nordeste, foi quitado, porém, no que diz respeito à infraestrutura continua das famílias, ou em relação a uma forma de organização de uma economia solidaria e sobre a sustentabilidade local, ainda é um território que tem muito a se explorar. No trecho abaixo a senhora A. relata sobre a falta de um incentivo dos órgãos responsáveis para um maior desenvolvimento do assentamento como um todo.

Nas palavras de H, o assentamento além de melhorias na sua infraestrutura, existe também alguns problemas internos que precisam ser melhorados, mas, ainda assim as condições de vida melhoraram relativamente com sua ida para o assentamento.

Eu acho que... O que eu tenho mais vontade aqui de construir é o prédio da associação, que nós não temos ainda. Quando eu vou ali pra Sousa eu olho ali aqueles prédios... Com aquela vontade na boca... E também assim... A integração porque ainda tá faltando também... Faltando muito diálogo, também entre as pessoas... Eu acho que têm muita coisa assim que ainda

precisa ser melhorada. Mas, já melhorou muito graças a Deus, só em ter água pra gente aqui né? Companheiro de Ana: Aqui é rico d'água viu (Moradora do Assentamento Sítio Guerrilhas, 55 anos).

O banco posteriormente liberou o dinheiro em forma de empréstimo, para que as casas pudessem ser construídas. Antes da construção das casas, as famílias contempladas residiam no município do Paraná. O governo posteriormente após o banco ter liberado os recursos para a compra da terra, liberou outras verbas para que se pudesse dar continuidade ao projeto do assentamento. O assentamento segundo o funcionário da Emater foi pensado no formato de uma agrovila. O governo federal também financiou a compra de alguns animais, onde os mesmos permitiriam que as famílias tirassem algum lucro para posteriormente poderem quitar a suas terras.

Na hora que eles adquiriram a terra é foi feito outros orçamentos como a construção das casas, a construção de matrizes, o plantio de palmo, a montagem da infraestrutura para que uma família rural pudesse explorar a atividade e tivesse retorno, foi logo de imediato, foi liberado o recurso para a compra da terra, foi pago ao proprietário e em seguida o governo liberou é... A doação dessas casas e armazéns e de duas matrizes, eles mesmos adquiriram seus animais, o governo federal pagou. Contribuíram apenas na participação como mão de obra de servente para a construção e instalação da casa e dos armazéns. Mais o restante foi pago pelo governo federal. Mais que a atividade em si o projeto foi liberado e implementado automaticamente. Então é... Concluída a suas residências todos eles já passaram a morar na própria residência, fizemos uma espécie de agrovila, são dez casas, nove casas continua e uma casa um pouco afastada, porque é a casa que existia na época da propriedade e o governo financiou nove residências a que já existia ficou pra um dos moradores e o critério de cada um pegar a sua casa ficou a critério de sorteio (Funcionário da Emater-PB, 63 anos).

Após finalmente terem passados três (2003) anos desde o primeiro esboço do projeto do assentamento, em 2006 foi dado aos moradores três anos de carência, ou seja, só iriam iniciar o pagamento da terra ao banco passado os três anos. O pagamento era feito anualmente, e à medida que os anos passavam, o valor das parcelas iam se tornando menores.

H: Sim é... Depois que eles... Que foi apossado em 2006, 2005, 2006 aí foi dado três ano de carência, depois de três anos a gente começou a pagar. O pagamento era anual também, mês de abril mais ou menos. Nós começamos a pagar 700 reais, depois 600, depois 500, eu sei que nós terminamos com 300 e pouco (Moradora do Assentamento Sítio Guerrilhas, 55 anos).

Foi dito também anteriormente uma Assistente Social da Emater-PB participou do planejamento do projeto do assentamento. No trecho abaixo veremos algumas contribuições que nas palavras de F. foram feitas pela EMATER-PB.

A nossa contribuição foi orientar as famílias no sentido de que mostrar a importância é... Do assentamento para as famílias, principalmente para aquelas pessoas que são moradores que nunca tinha terra, que trabalhavam na condição meio, de parceiro né... Então é... Mostrando também a importância de adquirir a propriedade com incentivo do governo federal, eles adquirem aquela propriedade pelo o valor de oitenta mil reais e de imediato o governo aplicasse um bônus se eles pagassem o projeto em dia de quarenta e cinco por cento, que dizer, eles pegaram a propriedade por oitenta mil reais e pagaram praticamente quarenta e cinco mil reais. Além do incentivo a comprar a terra o governo é... Fez a doação de recursos financeiros, para que eles pudessem construir cada um à sua casa própria, adquirir duas matrizes pra começar uma vida pequena de criador é... E uma série de infraestrutura como cercas, armazéns, toda essa parte foi doada para as famílias, então, você vê a importância que um projeto desse tem. Se você não é proprietário, você não tem uma casa pra trabalhar, mora em casa de terceiros né... Você não tem um depósito pra armazenar sua produção, por tudo isso, por ter dado uma condição de vida aquelas famílias (Funcionário da Emater-PB, 63 anos).

Quando o projeto ainda era um esboço, além da participação dos funcionários da EMATER-PB, outros “personagens” estiveram presentes na construção do projeto. O INTERPA também participou no que diz respeito as funções de organização e divisão das terras. Vinham às pessoas do INTEPA sempre tavam aqui... Por sinal, quem veio dividir... veio três engenheiro dividir as terras... Eles fizeram tudo num dia só...” (Moradora do Assentamento Sítio Guerrilhas, 55 anos).

A Associação dos Pequenos Agricultores do Sítio Guerrilhas foi mencionado no capítulo anterior, porém, sem explicarmos o que seria a associação. A associação foi um dos primeiros passos a serem dados rumo a implementação do projeto do assentamento. A ideia da associação veio da Assistente Social que na época trabalhava na Emater e do senhor F. que atualmente é técnico da Emater-PB desde 2003. Os que não foram contemplados pelo o projeto, passaram a residir em outras terras que ficam nas proximidades do assentamento conhecido como Sítio Caracóis, onde estava localizada a Fazenda Guerrilhas e atualmente o assentamento. Não se sabe ao certo por quais motivos alguns entraram para a associação e outros não puderam fazer parte, o que sabemos é que alguns dos antigos trabalhadores desta terra, não entraram como parte da associação que foi formada por dez famílias.

H: Sobre o nome criado você quer dizer? Jokácia Kelly: Pode ser também sobre o nome, ou como é também como é que funciona a associação. Ana: É... Esse nome foi essa menina que criou Maria da Conceição né? Ela que criou esse nome... Lá em Brasília ela sempre tá se preocupando, ela sempre tá descobrindo, inventando, criando, ela tem o maior prazer daqui... Ali ela que criou esse nome... Porque por ela já era tudo diferente, por ela a gente estava vendendo, manda dizer como é que a gente era pra vender alguma coisa e isso e aquilo... Aí é isso né? Começou essa associação, as pessoas já trabalhavam aqui, eles eram... Na época já tinham uns que trabalhavam e outros foram por indicação deles mesmo, por família, por considerar né? Mas, os verdadeiros mesmo que eram trabalhando dez anos, doze anos... Quinze, até vinte anos eles ficaram fora... Eles se sentem até hoje porque não colocaram eles... Jokácia Kelly: Os que trabalhavam na terra antes? Colocaram outras pessoas para fazerem parte do assentamento? Companheiro de Ana: Foi... Ana: Foi... Colocou alguns que já fazia né? Que já moravam né? E outros não... Jokácia Kelly: Aí a senhora sabe para onde essas pessoas foram? Ana: Ficaram ali... São meus primos, tios, que mora aqui... Moram perto do Bar do Chico, naquele sítio sabe? Jokácia Kelly: Sei... Eles moram pertinho, só não fazem parte do assentamento? Mas, faz parte do Sítio Guerrilhas né? Ana: É porque lá é o sítio e aqui é o assentamento... Jokácia Kelly: Ah... Agora eu entendi... Aqui no caso chama Assentamento Sítio Guerrilha? Mas, o sítio é mais pra lá... Companheiro de Ana: É... os Caracoís, chamam Caracoís⁸... Jokácia Kelly: Que pertence a Uiraúna? Ana: É... Aí eles vinham trabalhar aqui, vinham de cavalo, vinham a pé, vinham de bicicleta... vinha a família todinha aqui trabalhando aqui... A braçal, não era nem com... Eu: Equipamento? Ana: No braço mesmo... (Moradora do Assentamento Sítio Guerrilhas, 55 anos).

Atualmente a associação conta com nove famílias, no início das minhas idas ao assentamento residiam às dez famílias que formam a associação, porém, passados alguns meses a família de seu N. (imagem 7) mudou-se para outro sítio pertencente ao município do Paraná-RN, o nome não foi mencionado. A terra do assentamento Sítio Guerrilhas é muito rica em água potável, o que chamou a atenção a empresa de água mineral Lara (imagem 9), que comprou parte do terreno (imagem 7 e 8).

⁸ Caracoís é o nome do sítio ao qual o Assentamento Sítio Guerrilhas pertence.

Imagem 7 - Antiga casa onde hoje fica a sede 2 da empresa Lara



Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Imagem 8 - Nova casa construída pela empresa Lara para o assentamento



Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Imagem 9 - Sede da empresa Lara recém-inaugurada no assentamento



Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

O assentamento atualmente além das nove famílias reside também mais três novas famílias, ou seja, foram construídas mais três casas além das que pertencia a associação no início do projeto, uma das casas pertence à mãe de um dos assentados e foi cedida parte do seu terreno para a construção da casa, as outras duas foram construídas dentro de partes do terreno de um dos moradores para pessoas sem grau de parentesco com o mesmo. A maioria da associação não concorda que a terra seja vendida, em palavras deles, para “estranhos”, que são vistos como outsiders.

No início das minhas idas ao assentamento os moradores reclamavam da demora em se conseguir a documentação oficial de cada morador, tempos depois quando retorno ao assentamento H me relata que a documentação oficial de cada morador havia finalmente sido entregue para cada um dos associados. Antes disso havia somente uma documentação geral sobre a compra da terra.

A escolha da direção da associação se dar por meio de votação entre os associados, a votação é feita a cada dois anos. Os novos moradores não fazem parte da associação. A associação é formada por um presidente, vice-presidente, tesoureiro e secretário. No assentamento tem um poço artesiano que pertence à associação, o mesmo está localizado na terra que pertence a Ana, e ainda um açude e um cacimbão.

Afim de melhor construir o perfil dos moradores do assentamento, foi aplicado um questionário⁹ contendo desde informações mais gerais até chegar aos dados que facilitariam um melhor entendimento sobre o estilo de vida e até mesmo a agricultura local. Dentre todos os que foram possíveis aplicar o questionário, de dez famílias contempladas pelo o projeto, nove participaram, já que, depois de muitas tentativas de idas à casa da décima família contemplada pelo o projeto, não obtive êxito.

Segundo os moradores raramente a família se encontra no assentamento, pois os mesmos tem outra casa na cidade (Paraná-RN), no total, segundo o que mostra os questionários ao todo são vinte e sete pessoas residindo no assentamento. Porém, esse não é o valor oficial do número de moradores que ali habitam, pois, além de não ter obtido êxito ao tentar entrevistar a décima família, ficaram de fora ainda às duas novas casas de pessoas que após algum tempo foram comprando partes das terras de uma das famílias contempladas pelo projeto (nome não divulgado), e que segundo os mesmos, apesar de residirem ali, não os consideram como sendo parte do assentamento. Não se sabe ao certo, porque isso acontece, pois em alguns diálogos informais ao longo da minha estadia no assentamento, não deixaram muito claro quais seriam os motivos para não considerarem os novos moradores como parte integrada do assentamento. Sabe-se somente que as opiniões estavam bem divididas, sobre os novos moradores, pois alguns não faziam objeção, apesar de não considerarem como parte integrada do grupo, e alguns simplesmente falaram que não se sentiam confortáveis com a presença dos novos residentes.

Em relação ao gênero dos moradores locais, o número de homens e mulheres está muito próximo, a faixa etária de ambos é de 40 a 65 anos, a maioria

⁹ Questionário do projeto de pesquisa: Reprodução social em assentamentos rurais paraibanos, coordenado pela professora Patrícia Alves Ramiro.

dos moradores não possui o segundo grau completo, somente um possui segundo grau completo e somente um possui o ensino médio completo, nem um dos moradores atualmente cursaram ou estão cursando um curso superior. O número de crianças no assentamento é bem pequeno equivalente a sete crianças.

Em relação à renda mensal de cada morador local, não ficou especificado, pois não quiseram se aprofundar a respeito. Para dar continuidade a pesquisa e não comprometa-la, ou seja, não prejudicar a minha aproximação com os moradores, foi preferível não insistir no assunto.

De todas as famílias que os questionários foram aplicados, todas mencionaram a agricultura como sendo uma das fontes principais do sustento da família, embora alguns já fossem aposentados e um dos moradores ainda antes de vender parte da sua terra para a empresa de água mineral Lara, já fornecia parte da sua água do poço, para a empresa, que atualmente tem sua segunda franquía de distribuidora de água, no assentamento, a primeira franquía está localizada em outro local não informado pelos moradores.

Sobre a agricultura local, alguns dos produtos como o milho e o feijão mantem um padrão de produção entre todas as famílias, plantam também batatas, melancia, limão e mamão. Os animais mencionados foram galinhas, gado (imagem 10), jegues e porcos, no que diz respeito à produção para o sustento da família, já que boa parte do que plantam e dos animais que criam são para o consumo da família (imagem 11) mencionaram que algumas vezes quando é necessário vendem para fora uma parte da plantação e dos poucos animais que criam, mas, isso não é um padrão recorrente. Não especificaram a quantidade e nem o valor dos produtos.

Imagem 10 - Criação de animais



Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Imagem 11 - Moinho de rações para o gado



Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Os moradores locais não frequentam uma denominação religiosa com frequência, embora tenham dito que são católicos ou mesmo uma pequena parte protestante, a maioria se denominam católicos, não vão às suas denominações religiosas com muita frequência, alegaram por falta de uma maior acessibilidade à seus locais de culto, pois, as igrejas mais próximas ficam no município de Paraná-RN.

O assentamento não possui escolas, creches, posto de saúde, também não possui nenhum tipo de mercadinho, praças, e igrejas. Quando os moradores necessitam de tais serviços, vão até o município de Uiraúna-PB ou mesmo ao município do Paraná-RN. Recebe mensalmente a visita do médico, com mais frequência das enfermeiras, indo à casa de cada uma das famílias, já que ainda não possui posto médico no local. Os médicos e os agentes de saúde são do município de Uiraúna, porém, a atual agente de saúde que faz visitas no local, mora no município do Paraná e é parente de A. Segundo A. o assentamento não recebeu melhores coisas, devido ao fato dos moradores não votarem no município de Uiraúna ao qual oficialmente o assentamento pertence.

As casas geralmente seguem o mesmo padrão como é possível observar nas imagens 12 e 13 que seguem abaixo, contendo um armazém ao lado, porém, a casa de A. e da moradora que foi agregada pelo o filho (a moradora da décima primeira casa), difere do modelo padrão das demais casas, como se é possível também observar nas imagens abaixo. As casas são de tijolos, com piso de cimento, tem entre dois a três quartos, uma sala, uma cozinha e um terraço na parte da frente da casa e na parte inferior da casa, e em todas as casas há um poço de água, e uma entrada com portão chamado pelos os moradores de “cancela” A casa de A. é um pouco maior que as demais casas, assim como a casa da decima primeira moradora.

Imagem 12 - Vista frontal de algumas casas do assentamento



Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Imagem 13 – Casas do assentamento

Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Embora o projeto Cédula da Terra tenha tido inúmeras críticas e muitas dessas nem sempre positivas, o mesmo se manteve ativo após o governo de FHC, tendo continuidade no governo de Lula, legitimando a continuidade do projeto, como meio de acesso a terra. A implementação do projeto do Assentamento Sítio Guerrilhas, teve sua inauguração já na segunda fase do projeto Cédula da Terra, ou seja, no governo de Lula. Com a situação atual política do país, não se sabe ao certo se o projeto irá dar continuidade no que diz respeito a substituir o “velho” padrão de aquisição da terra, ou seja, se a reforma agrária de mercado, será o melhor modelo nos dias atuais de combate a pobreza de famílias que desde início da história do Brasil, vem lutando por um pedaço de terra. A luta pela terra no Brasil não é atual e está longe de se chegar ao fim.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para encerrarmos, vimos que a reforma agrária não termina após a conquista da terra e embora a aquisição das terras do Assentamento Sítio Guerrilhas não tenha sido implementada por meio da desapropriação da terra, cenário bastante decorrente em todo o país desde tempos remotos, não se pode passar despercebido que antes a concentração destas terras estavam nas “mãos” de uma única família, o que reforça as questões referentes a concentração fundiária no Brasil, ainda muito presentes no dias atuais e que certamente será uma “luta”, que durará ainda por muitos séculos.

E que a “luta” pela terra não acaba com a implementação de um assentamento, pois, é preciso se pensar meios de tornar a vida nos assentamentos rurais dignas para as famílias que ali residem. Não se podem oferecer somente os meios de produção, mas, também a condição para se poder viver através dos meios de produção.

Discutindo sobre alguns caminhos que foram necessários seguir em campo para que a referente pesquisa fosse “concluída”, pudemos analisar a importância das contribuições que as teorias metodológicas trazem a nós “pesquisadores de primeira viagem”, bem como discutirmos as suas “limitações” e inovações que muitas vezes são necessárias em campo, buscando ultrapassar as “fronteiras” que a metodologias científicas nos apresentam em campo.

Apesar do técnico da Emater-PB e dos moradores do assentamento Sítio Guerrilhas não estarem totalmente satisfeitos com os resultados que se seguiram após a implementação do assentamento Sítio Guerrilhas, ainda veem o projeto do assentamento como algo que trouxe muitos benefícios para as famílias que ali residem, e segundo o técnico da Emater-PB, o projeto de assentamentos no formato do projeto Cédula da Terra, está crescendo cada vez mais e se tornando um modelo a ser “copiado”, nos municípios próximo ao município de Uiraúna-PB.

Com a situação atual política do país, não se sabe ao certo se o projeto irá dar continuidade no que diz respeito a substituir o “velho” padrão de aquisição da terra, ou seja, se a reforma agrária de mercado, será o melhor modelo nos dias atuais de combate à pobreza de famílias que desde o início da história do Brasil, vem lutando por um pedaço de terra. A luta pela terra no Brasil não é atual e está longe de se chegar ao fim.

REFERÊNCIAS

- FALKENBACH, E. M. F. Diário de Campo: um instrumento de reflexão. **Revista Contexto/Educação**, Unijuí, v. 7, p. 1-22, 1987. Disponível em: <http://www.unirio.br/unirio/cchs/ess/Members/altineia.neves/estagio-supervisionado-ii/diario-de-campo-a-partir-de-falkembach-e-m-f-diario-de-campo-um-instrumento-de-reflexao/view>. Acesso em: 21 jan. 2019. (paginação irregular)
- GARCIA JÚNIOR; Afrânio Raul. **O Sul, caminho do roçado**: estratégias de reprodução camponesa social. Brasília: UNB, 1989.
- LENO NETO, Genaro; BAMAT, Thomas. **Qualidade de vida e reforma agrária na Paraíba**. João Pessoa: Unitrabalho/UFPB, 1998.
- MARTINS, José de Souza. **Expropriação e violência a questão política no campo**. São Paulo: Hucitec, 1980.
- MENDRAS, Henri et al. **Sociologia Rural**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho da Antropologia: olhar, ouvir e escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111579>. Acesso em: 5 fev. 2019.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas**: algumas reflexões. São Paulo: CERU, 1992.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: USP, [1983?]. Disponível em: <https://www.worldcat.org/title/variacoes-sobre-a-tecnica-de-gravador-no-registro-da-informacao-viva/oclc/11448101>. Acesso em: 16 mar. 2019.
- ROCHA, Rosaly Justiniano de Sousa; CABRAL, José Pedro Cabrera. Aspectos históricos da questão agrária no Brasil. **Revista produção acadêmica**, Jardim dos Ipês, v. 2, n. 1, p.75-86, 2016. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/producaoacademica/article/view/2963>. Acesso em: 25 jan. 2019.
- SAUER, Sérgio; PEREIRA, João Márcio Mendes (Org.). **Capturando a Terra**: Banco Mundial, políticas fundiárias neoliberais e reforma agrária de mercado. São Paulo: Expressão popular, 2006. Disponível em: <http://r1.ufrj.br/geac/portal/wp-content/uploads/2015/01/capturando-a-terra-LIVRO.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2019.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 2. ed. [S.l.]: Paz e Terra, 1992. Disponível em: http://gege.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/A%20voz%20do%20passado%20hist%F3ria%20oral.pdf. Acesso em: 18 mar. 2019.

APÊNDICE A – Entrevista

Entrevista ao técnico da EMATER-PB.

1. Você pode falar um pouco sobre você? Qual sua idade? Estado Civil? Quando se casou? Onde nasceu...
2. Você já foi vereador do Município de Uiraúna não é mesmo?
3. Quando foi o seu primeiro mandato e por quanto tempo atuou como vereador de Uiraúna?
4. Qual sua atividade na EMATER-PB do município?
5. Quando você iniciou as atividades na EMATER-PB?
6. O que foi o projeto? Como começou? Quem estava envolvido?
7. Há quem pertencia a terra antes da implementação do Assentamento Sítio Guerrilhas?
8. Houve desapropriação da terra antes de se tornar o Assentamento Guerrilhas? O que houve com a terra antes?
9. Como se chamava o lugar antes de ser chamado de Assentamento Sítio Guerrilhas?
10. Qual a sua contribuição no projeto que foi implementado no Assentamento Sítio Guerrilhas?
11. Quando o projeto foi implementado e quanto tempo levou para que o projeto de fato fosse colocado em prática?

12. Como foi o processo desde o esboço do projeto até a sua concretização?
13. Além da EMATER-PB quais outras contribuições e apoios o projeto recebeu?
14. Quais as contribuições do projeto para os moradores do Assentamento Sítiam Guerrilhas?
15. Você poderia falar um pouco sobre o Assentamento? Como se iniciou? O processo até se tornar Assentamento Sítio Guerrilhas? É um assentamento?
16. Você poderia falar um pouco sobre o significado, ou melhor, ainda sobre o que seria o projeto APASGU-PB?
17. Qual a contribuição da Pronaf para a elaboração do projeto Sítia Guerrilhas?
18. Como era o local onde hoje fica o assentamento antes do projeto?
19. O Assentamento pertence ao município de Uiraúna ou ao município do Paraná-RN? E se não pertence. Existe alguma relação com o município do Paraná-RN?

APÊNDICE B – Roteiro

Roteiro de entrevista aos moradores do Assentamento Sítio Guerrilhas

1. Antes de falarmos sobre a história do Sítio Guerrilhas, Você (O senhor, a senhora) pode falar um pouco sobre você?

Onde nasceu?

O que faziam seus pais? Em que cidades já morou?

Em que já trabalhou? Qual foi seu primeiro trabalho?

2. Agora você (O senhor, a senhora) poderia me contar um pouco a história do Assentamento Sítio Guerrilhas?

Quando e como se iniciou? Quando e como vocês (O senhor, a senhora) chegaram ao lugar? Vocês (O senhor, a senhora) já conheciam o lugar?

Vocês pagaram pela terra? Conte como foi isso. Como ficou sabendo, quem falou destas terras para você? Por que decidiu vir para cá? Quando foi isso?

Moravam perto daqui? Onde vocês moravam antes de virem pra cá?

É um assentamento de reforma agrária? Vocês tem o título da terra?

Aqui teve a participação de movimento social como MST e outros? E do sindicato rural? Quem eram as pessoas que estavam envolvidas na criação deste assentamento? (obs.: estimule e desenvolva o papel de cada um dos atores lembrados)

Como era o local onde hoje fica o assentamento antes do projeto (quando vocês chegaram aqui)? O que tinha aqui? E hoje, o que mais tem aqui no sítio Guerrilhas? Vocês vivem principalmente de quê?

Há quem pertencia a terra antes de se “tornar” Assentamento Sítio Guerrilhas?

Como se chamava o lugar antes de ser chamado de Assentamento Sítio Guerrilhas?

O sr. (sra.) saberia me contar o porquê desse nome “Sítio Guerrilhas”?

Você (O senhor, a senhora) já ouviu falar da APASGU-PB (por extenso)? Se sim, poderia me falar um pouco sobre a APASGU-PB?

QUALIDADE DE VIDA

(O senhor, a senhora) acha que sua vida melhorou, é a mesma coisa ou piorou depois que veio morar aqui no Assentamento Sítio Guerrilhas? Por quê?

Poderia me dizer 3 coisas que considera BOA da vida aqui no Sítio?

E 3 coisas que acha que PODERIAM MELHORAR na vida aqui no Sítio?
Assim, coisas que ainda não estão boas...

ANEXO A - Termo de autorização de uso de imagens e depoimentos

Eu, _____,
morador (a) do assentamento _____, município de _____,
Estado da Paraíba, AUTORIZO o uso de imagens e depoimentos na forma de
resultados científicos referentes ao projeto de pesquisa Reprodução social em
assentamentos paraibanos coordenado pelo professora profa. Dra. Patrícia Alves
Ramiro. No que se refere à minha identificação nestes resultados informo que:

AUTORIZO / NÃO AUTORIZO a utilização de meu nome verdadeiro em
material acadêmico produzido.

Assinatura do entrevistado

Local e data: _____.